

## 2. O contexto da Modernidade e da Pós-Modernidade

O objetivo da Parte I da Tese é de investigar os desafios da realidade de hoje, para a vivência dos valores cristãos. De maneira simplificada, podemos resumir a situação atual como uma realidade de profundas mudanças estruturais. Vivemos num contexto de mundo de mercados, onde o que mais importa é a busca da eficiência e do lucro. Um contexto aonde a incredulidade e o secularismo vão ganhando terreno e onde há um pluralismo de modelos morais e religiosos.

No início deste século, vivemos uma realidade que está se tornando cada vez mais desafiadora para o cristão. Uma realidade de Modernidade e Pós-Modernidade que nos apresenta novos valores e, que a cada momento nos provoca. Não podemos deixar de considerar tudo aquilo que a Modernidade e a Pós-Modernidade nos permitem usufruir. No entanto, temos que levar em conta uma realidade na qual a sociedade de hoje caminha: o individualismo, o narcisismo, o consumismo e o desdém para com os outros. Como viver a autenticidade de nossa fé, a partir desta situação?

Nesta primeira parte, procuraremos mostrar os desafios da realidade de hoje, analisando o contexto do mundo moderno e pós-moderno.

## 2.1.

### O contexto de Modernidade e os seus novos desafios

#### 2.1.1.

##### Introdução

Neste primeiro capítulo, discutiremos a dinâmica da Modernidade, com os seus novos desafios suscitados para a vida humana.

A Modernidade enquanto momento histórico caracteriza-se pela antitradição, pela derrubada das convenções, dos costumes e das crenças, pela saída dos particularismos e entrada no universalismo, ou ainda pela entrada da idade da razão. Mas, muitas combinações do moderno e do tradicional podem ainda ser encontradas nos cenários sociais concretos.

Os estudiosos estão sempre debatendo quando exatamente o período moderno começou, e como distinguir entre o que é moderno e o que não o é. Mas, geralmente, o início da era moderna é associado ao surgimento do Iluminismo Europeu, aproximadamente nos meados do século dezoito.

Consideramos fundamental destacar a expansão e a afirmação do sistema capitalista como sistema econômico hegemônico, a nível mundial. A seguir, buscaremos refletir sobre o desenvolvimento da ciência e da técnica, que permitiu a elaboração do mundo nos moldes modernos. Por fim, levantaremos a questão da relação entre Igreja e Modernidade, que se iniciou com um confronto, mas que, ao longo dos tempos, se buscou firmar numa relação de diálogo.

#### 2.1.2.

##### O surgimento da Modernidade e suas características

“Modernidade” refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. A época moderna surge com a descoberta do Novo Mundo, o Renascimento e a Reforma (século XV e XVI); desenvolve-se com as Ciências Naturais no século XVII, atinge seu clímax político nas revoluções do século

XVIII, desenrola suas implicações gerais após a Revolução Industrial do século XIX e termina no limiar do século XX.<sup>1</sup>

Como afirma Habermas:

O conceito de modernização refere-se a um conjunto de processos cumulativos e de reforço mútuo: à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder político centralizado e à formação de identidades nacionais; à expansão dos direitos de participação política, das formas urbanas de vida e da formação escolar formal e, à secularização de valores e normas.<sup>2</sup>

A Modernidade constitui-se a partir da pretensão de rejeitar a tradição, submetendo tudo ao exame crítico da razão e à experimentação. Embora esta mesma tradição tenha persistido em muitas esferas da vida. Por isso, há uma tendência para um dinamismo e uma mudança incessantes, questionando as suas próprias conquistas e buscando continuamente inovações. No limiar da era moderna, três grandes eventos lhe determinam o seu caráter: a descoberta da América, com uma nova visão de mundo, a Reforma na Igreja e a invenção do telescópio, que permitiu o desenvolvimento de uma nova ciência.<sup>3</sup>

Modernidade é sinônimo de sociedade moderna ou civilização industrial e está associada a um conjunto de atitudes perante o mundo, como a idéia de que o mundo é passível de transformação pela intervenção humana; um complexo de instituições econômicas, em especial a produção industrial e a economia de mercado; toda uma gama de instituições políticas, como o Estado nacional e a democracia de massa; a primazia e a centralidade do indivíduo e não, do grupo como sujeito de direitos e de decisões; o primado da subjetividade; o pluralismo e a ideologia; a concepção linear de história; a realimentação mútua entre ciência e

<sup>1</sup> Cf. GIDDENS, A., *As consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, p. 172; TOURAINE, A., *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, p. 11; ARENDT, H., *A condição humana*. 10 e., Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 13-14; Id., *Entre o passado e o futuro*. 5. e., São Paulo: Perspectiva, p. 54; AZEVEDO, M. *Entroncamentos e entrechoques: vivendo a fé em um mundo plural*, São Paulo: Loyola, p. 74; HABERMAS, J., *O discurso filosófico da Modernidade*, Lisboa: Dom Quixote, p. 9.

<sup>2</sup> Cf. HABERMAS, J., op. cit., p. 5.

<sup>3</sup> Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002)*. 2. e., São Paulo: Paulinas, n. 179; LOPEZ, P. L. Old and new globalization. In: BLANCHETTE, O.; IMAMICH, T.; McLEAN, G. F., *Philosophical challenges and opportunities of globalization: The Council for Research in Values and Philosophy*. 2001, Vol. I, p. 46; GIDDENS, A.; PIERSON, C., *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 89; ARENDT, H., *A condição humana...*, p. 260; LIBÂNIO, J. B., *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 116.

tecnologia, com a hegemonia de sua racionalidade própria; o predomínio cada vez maior do simbolismo formal de cunho numérico-matemático (informática); a pesquisa e industrialização em níveis diversos de qualidade técnica (transformadora, inovadora, criadora); a burocratização e a organização política da sociedade.<sup>4</sup>

É preciso lembrar que a cultura moderna se formou lentamente, se definiu e se afirmou sempre mais pelas revoluções científicas, industrial, tecnológica e informática; pelo Renascimento, Iluminismo, Liberalismo e Marxismo; pelas Revoluções Francesa, Americana e Soviética; pela filosofia a partir de Descartes e pelas ciências naturais e sociais; pela ideologia econômica, a partir da revolução monetária e comercial-mercantil; pelos sistemas sociopolíticos e econômicos em todas as suas versões e modelos de concretização histórica (nos últimos dois séculos especialmente); pela expansão colonialista e pela pressão neocolonialista, de cunho econômico, político ou ideológico.<sup>5</sup>

Não resta dúvida que a Modernidade trouxe grandes conquistas. Isto é inegável. Favoreceu a construção de um mundo mais democrático, onde os direitos humanos devem ser respeitados. Além disso, o grande avanço técnico-científico permitiu um melhor bem-estar à sociedade. No entanto, com todos estes avanços houve, por conseguinte, uma estruturação da vida humana que nem sempre trouxe uma realização profunda do existir. É isto que procuraremos refletir agora.<sup>6</sup>

### 2.1.2.1.

#### **Criticas à Modernidade**

Em sua obra *Ensaio de sociologia*, Max Weber buscou compreender a Modernidade com a idéia de desilusão ou desencanto do mundo e extinção das formas tradicionais de autoridade e saber. No mundo da Modernidade, segundo Weber, os laços da racionalidade tornam-se cada vez mais apertados, aprisionando-

<sup>4</sup> Cf. AZEVEDO, M., *Entroncamentos e entrecruzes: vivendo a fé em um mundo plural*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 73-74; GIDDENS, A.; PIERSON, C., *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: FGV, p. 73.

<sup>5</sup>Cf. AZEVEDO, M., *op. cit.*, p. 71-72.

<sup>6</sup> Cf. AGOSTINI, N., *Condicionamentos e manipulações: desafios morais*. In: *O itinerário da fé na "iniciação cristã dos adultos"*. Estudos da CNBB n. 82, São Paulo: Paulus, 2001, p. 103.

nos numa gaiola de rotina burocrática.<sup>7</sup>

Em Nietzsche, as críticas tiveram um dos mais importantes inspiradores. Na obra, *Humano, demasiadamente humano*, a Modernidade é apresentada como uma época da superação, da novidade que envelhece e é logo substituída por uma novidade mais nova, num movimento irrefreável. Se assim é, então não se poderá sair da Modernidade pensando-se superá-la. Na obra *Genealogia da moral*, Nietzsche explica a assimilação da razão no poder, consumada na Modernidade, com uma teoria do poder. Para este autor, os homens tiveram de se entregar ao aparato da objetivação e do controle da natureza exterior, reduzidos ao pensar, ao inferir, ao calcular, ao combinar de causas e efeitos.<sup>8</sup>

Para Habermas, a Modernidade se desenvolve, sobretudo a partir do século XVIII com os pensadores iluministas, que buscaram refletir sobre a emancipação humana, o enriquecimento da vida diária e o domínio científico da natureza. A idéia de progresso é reforçada com a promessa da libertação das “irracionalidades” do mito, da religião, da superstição, e a liberação do uso arbitrário do poder.<sup>9</sup>

O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno. Mas, a Modernidade tem também um lado sombrio, que se tornou muito aparente no século atual. Como afirma a *Gaudium et spes*, n. 229: “O mundo moderno se apresenta ao mesmo tempo poderoso e débil, capaz de realizar o ótimo e o péssimo, por quanto se lhe abre o caminho da liberdade ou da escravidão, do progresso ou do regresso, da fraternidade ou do ódio”.<sup>10</sup>

No caso do continente latino-americano, ao lado desta faixa modernizante, há uma imensa maioria da população que vive num contexto pré-moderno de

<sup>7</sup> Cf. WEBER, M. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982; GIDDENS, A., *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, p. 139; GIDDENS, A.; PIERSON, C., *Conversas com Anthony Giddens...*, Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 73.

<sup>8</sup> Cf. VATTIMO, G., *O fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 171; NIETZSCHE, F. *Humano, Demasiadamente Humano*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000; Id. *Genealogia da moral*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 89-90.

<sup>9</sup> Cf. HABERMAS, J. *O discurso filosófico da Modernidade*. S. Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 171-173.

<sup>10</sup> Cf. GIDDENS, A., *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, p. 16; Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, n. 229. In: CONCILIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações* (Organizado por VIER, F.; KLOPPENBURG, B.). 25. e. Petrópolis: Vozes, 1996.

analfabetismo, de pobreza e falta de saúde, de desemprego e fome. Fenômenos estes que encontram suas causas profundas e estruturais na inaceitável estratificação de nossa sociedade. Esta foi uma das temáticas centrais em Medellín, Puebla e Santo Domingo, bem como das Cartas Encíclicas *Laborens exercens* e *Sollicitudo rei socialis*, de João Paulo II.<sup>11</sup>

A seguir, discutiremos sobre o novo sistema econômico-político advindo com a Modernidade e as suas conseqüências.

### 2.1.3.

#### O capitalismo e sua expansão mundial

O capitalismo é um sistema de produção de mercadorias, centrado sobre a relação entre a propriedade privada do capital e o trabalho assalariado sem posse de propriedade, sendo que esta relação forma o eixo principal de um sistema de classes. O empreendimento capitalista depende da produção para mercados competitivos, os preços sendo sinais para investidores, produtores e consumidores. O nascimento da sociedade industrial encontrará na *Riqueza das nações* de Adam Smith (1776), a primeira grande teorização. Smith analisa as conseqüências econômicas da divisão do trabalho, as conseqüências sociais da indústria para a estrutura das classes, o papel cada vez maior dos serviços e do trabalho improdutivo, trazendo à luz os mecanismos da sociedade nascente.<sup>12</sup>

O apelo ao mercado, a concentração do capital e a racionalização dos métodos de produção subordinaram a idéia de sociedade moderna ou mesmo industrial à de economia capitalista. Neste sentido, Max Weber, em sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* afirma que as novas estruturas sociais

<sup>11</sup> Cf. AZEVEDO, M., *Entroncamentos e entrechoques...* São Paulo: Loyola, 1991, p. 77; AGOSTINI, N., Condicionamentos e manipulações: desafios morais. In: *O itinerário da fé na "iniciação cristã dos adultos"*. Estudos da CNBB n. 82. São Paulo: Paulus, p. 103; CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Medellín*. 6. e. São Paulo: Paulinas, 1987; Id., *Conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979; Id., *Conclusões da Conferência de Santo Domingo*. São Paulo: Paulinas, 1992; JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Laborens exercens*. São Paulo: Paulinas, 1981; Id., Carta Encíclica *Sollicitudo rei socialis*. Documentos Pontifícios n. 218, Petrópolis: Vozes, 1988.

<sup>12</sup> Cf. SMITH, A., *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. 3 vol., 1988; MASI, D., *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: SENAC, 1999, p. 14; GIDDENS, A., *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, p. 61-62.

modernas são caracterizadas pela empresa capitalista e pelo aparelho burocrático do Estado.<sup>13</sup>

A grande novidade da Revolução Industrial foi a utilização intensiva de combustíveis fósseis (carvão, petróleo, etc.), fonte não renováveis de energia, que permitiu um grande avanço tecnológico e econômico. Apareceram as fábricas e a produção em massa, com a introdução da linha de montagem, exigindo a criação e o desenvolvimento de uma rede de distribuição com um correspondente sistema de informações. Em torno das novas formas de produção e de consumo estruturou-se a sociedade toda. O império do mercado refletiu na crescente comercialização das relações humanas.<sup>14</sup>

A produção industrial e a constante revolução na tecnologia a ela associada contribuíram para processos de produção mais eficientes e baratos. O industrialismo se tornou o eixo principal da interação dos seres humanos com a natureza. Com a indústria moderna, modelada pela aliança da ciência com a tecnologia, houve uma transformação do mundo da natureza de maneiras inimagináveis às gerações anteriores.<sup>15</sup>

Dessa forma, a economia capitalista mundial, que tem suas origens nos séculos dezesseis e dezessete, foi se integrando através de conexões comerciais e fabris, sobretudo, a partir da brusca expansão no período pós-guerra. No entanto, este desenvolvimento se deu de forma concentrada em algumas regiões do planeta, coordenadas por centros financeiros interligados, que tem como ápice da hierarquia os Estados Unidos.<sup>16</sup>

A produção de mercadorias em condições de trabalho assalariado pôs boa parte do conhecimento, das decisões técnicas, bem como do aparelho disciplinar, fora do controle da pessoa que de fato faz o trabalho. O acordo de Bretton Woods, de 1944, transformou o dólar na moeda-reserva mundial e vinculou com firmeza o

<sup>13</sup> Cf. WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2003; HABERMAS, J., *O discurso filosófico da Modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1998, p. 4; TOURAINE, A., *Crítica da Modernidade*, 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 77.

<sup>14</sup> Cf. LÓPEZ, P. L. Old and new globalization. In: BLANCHETTE, O.; IMAMICH, T.; McLEAN, G. F., *Philosophical challenges and opportunities of globalization: The Council for Research in Values and Philosophy*. 2001, Vol. I, p. 55; RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*. 3. e., São Paulo: Paulus, p. 38-49.

<sup>15</sup> Cf. GIDDENS, A., *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, p. 66-67.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 73; HARVEY, D., *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 11. e., São Paulo: Loyola, p. 125.

desenvolvimento econômico do mundo à política fiscal e monetária norte-americana. O longo período de expansão de pós-guerra, que se estendeu de 1945 a 1973, teve como base um conjunto de práticas de controle do trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e configurações de poder político-econômico. E os Estados Unidos passaram a agir como banqueiros do mundo em troca de uma abertura dos mercados de capital e de mercadorias ao poder das suas grandes corporações.<sup>17</sup>

### 2.1.3.1.

#### **Críticas ao capitalismo**

O capital é um processo de reprodução da vida social por meio da produção de mercadorias em que todas as pessoas do mundo capitalista avançado estão profundamente implicadas. Suas regras internalizadas de operação são concebidas de maneira a garantir que ele seja um modo dinâmico e revolucionário de organização social que transforma incansável e incessantemente a sociedade em que está inserido.<sup>18</sup>

O processo mascara porque favorece um crescimento que se dá com uma destruição criativa dos recursos naturais. A ciência e a técnica propiciaram um domínio efetivo eficaz sobre a natureza, considerando-a simplesmente como objeto de exploração por parte do ser humano. A Civilização Industrial devasta o meio ambiente de maneira extremamente grave. A natureza se torna mero objeto, mera questão de utilidade, cessando de ser reconhecida como um poder em si mesmo, como um dom de Deus. A difusão do industrialismo acelerado criou um mundo no qual há mudanças ecológicas reais ou potenciais de um tipo daninho que afeta a todos no planeta.<sup>19</sup>

Por outro lado, os capitalistas, ao comprar a força de trabalho, tratam-na necessariamente em termos instrumentais. O trabalhador é geralmente visto apenas como uma “mão” e não como uma pessoa inteira. Neste sentido, o trabalho

---

<sup>17</sup> Cf. HARVEY, D., *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 11. e., São Paulo: Loyola, p. 119-131.

<sup>18</sup> Ibid., p. 307.

<sup>19</sup> Cf. ARAUJO, J. W. C., *Exigências éticas de uma co-responsabilidade com a criação – uma proposta de ética ecológica*. Rio de Janeiro, 2001, Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica, p. 3-27; GIDDENS, A., *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Paulus, p. 81.

contribuído é considerado simplesmente um “fator” de produção. A compra da força de trabalho com dinheiro dá ao capitalista certos direitos de dispor do trabalho dos outros sem considerar necessariamente o que estes possam pensar, precisar ou sentir. A detalhada divisão organizada do trabalho nas fábricas reduz o trabalhador a um fragmento de pessoa, um “apêndice” da máquina.<sup>20</sup>

O capitalismo cria sempre novos desejos e necessidades: novos produtos, novas tecnologias, novos espaços e localizações, novos processos de trabalho, etc. Ele é, por necessidade, tecnologicamente dinâmico, por causa das leis coercitivas da competição. O efeito da inovação contínua é, no entanto, desvalorizar, senão destruir, investimentos e habilidades de trabalhos passados. A inovação exacerba a instabilidade e a insegurança, tornando-se, no final, a principal força que leva o capitalismo a periódicos momentos de crise. A luta pela manutenção da lucratividade apressa os capitalistas a explorarem todo tipo de novas possibilidades. Dessa forma, o capitalismo é um sistema social que internaliza regras que garantem que ele permaneça como uma força permanentemente inovadora e dinâmica em sua própria história mundial.<sup>21</sup>

Muitas combinações do moderno e do tradicional podem ser encontradas nos cenários sociais concretos. No Brasil, as desigualdades resultantes provocam sérias tensões. Um grande contingente da população é constituído de mão-de-obra barata. Por outro lado, muitos não têm acesso ao trabalho e, conseqüentemente, às prometidas alegrias de uma sociedade de consumo. A modernização geralmente promove a destruição das culturas locais. Os serviços públicos (saúde e educação, sobretudo) não atendem às necessidades básicas da população e colaboram ativamente com as mazelas do capital internacional.<sup>22</sup>

A seguir, analisaremos o desenvolvimento da ciência e da técnica que permitiram o estabelecimento do sistema econômico capitalista a nível mundial.

---

<sup>20</sup> Cf. MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. 5. e., São Paulo: Bertrand Brasil, 1987, 6 vol.; HARVEY, D., *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 11. e., São Paulo: Loyola, p. 101-103, p. 307.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 102-103.

<sup>22</sup> Cf. FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. 24. e., São Paulo: Nacional, 1991, 248 p.; TAVARES, M. C., *Acumulação de capital e industrialização no Brasil*, 3. e., Campinas: UNICAMP, 1998; TOURAINE, A., *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 193; HARVEY, D., *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 11. e., São Paulo: Loyola, p. 133.

#### 2.1.4.

### O desenvolvimento da ciência e da técnica

A ciência e a técnica, desde as suas origens, propõem-se a desenvolver o saber em bases racionais e lutar contra os medos que nascem da ignorância. O desenvolvimento da ciência teve seu início há pouco mais de 500 anos. Surgiu com as descobertas astronômicas (Galileu Galilei, Nicolau Copérnico), a física de Newton, a filosofia prática (Francis Bacon), o Iluminismo e a Revolução Industrial (a partir do séc. XVIII).<sup>23</sup>

Com Galileu, graças à mediação do instrumento matemático a “ciência de Deus” passa a ser “ciência dos homens”. A astronomia de Copérnico tira a Terra do centro do Universo, elevando-a à dignidade de astro entre outros astros. Nessa mesma época, um filósofo muito influente, Nicolau de Cusa, proclama a imanência do infinito dentro da finitude, por exemplo, na Terra e no homem. Já no século XVI, com Francis Bacon, a ciência ingressa triunfalmente na prática cotidiana da vida. Com a ciência, anunciará este filósofo que o homem poderá empreender a própria aventura de criação de uma nova Terra, à imitação de Deus, mesmo sem Deus.<sup>24</sup>

Descartes foi o primeiro a conceitualizar a forma moderna de duvidar, que depois dele passou a ser o eixo invisível em torno do qual todo pensamento tem girado. Com o método cartesiano, tudo passou a ser posto em dúvida. As então recentes descobertas das ciências naturais haviam convencido Descartes de que o homem, em sua busca da verdade e do conhecimento, não pode confiar nem na evidência dada dos sentidos, nem na “verdade inata” da mente, nem tampouco na “luz interior da razão”. Essa desconfiança nas faculdades humanas tem sido desde

---

<sup>23</sup> Cf. GALIMBERTI, U., *Rastros do sagrado: o cristianismo e a dessacralização do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 232; AGOSTINI, N., *Teologia Moral: o que você precisa viver e saber*. 7. e., Petrópolis: Vozes, 2003, p. 22-23.

<sup>24</sup> Cf. GALILEI, G. *Dialogues*. Paris: Hermann, 1966; GALIMBERTI, U. op. cit., p. 167; TILLICH, P., *El futuro de las religiones*. Buenos Aires: La Aurora, 1976, p. 24; BACON, F. *Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. São Paulo: Nova Cultural, 1988; MASI, D., *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: SENAC, 1999, p. 12-13; GALIMBERTI, U., op. cit., p. 167.

então uma das condições mais elementares do mundo moderno. Descartes tornou-se, assim, o pai da filosofia moderna desenvolvendo um novo método de pensar.<sup>25</sup>

Para Hannah Arendt,

a época moderna começou quando o homem, com auxílio do telescópio, voltou seus olhos corpóreos rumo ao universo, acerca do qual especulara durante longo tempo e aprendeu que seus sentidos não eram adequados para o universo, que sua experiência cotidiana, longe de ser capaz de constituir o modelo para a recepção da verdade e a aquisição de conhecimento, era uma constante fonte de erro e ilusão. Após esta decepção, as suspeitas começaram a assediá-lo o homem moderno de todos os lados. Sua consequência mais imediata, porém, foi o espetacular ascenso da ciência natural, que por longo período pareceu liberar-se com a descoberta de que nossos sentidos, por si mesmos, não dizem a verdade [...] Desde que o ser e a aparência se divorciaram, quando já não se esperava que a verdade se apresentasse, se revelasse e se mostrasse ao olho mental do observador, surgiu uma verdadeira necessidade de buscar a verdade atrás de aparências enganosas. Para que tivesse certeza, o homem tinha que “verificar”. A verdade científica não só não precisa ser eterna, como não precisa sequer ser compreensível ou adequada ao raciocínio humano.<sup>26</sup>

Não apenas as especulações filosóficas de Nicolau de Cusa e de Giordano Bruno, mas a imaginação de astrônomos como Copérnico e Kepler, inspirados na matemática haviam postos em dúvida a noção de um universo finito e geocêntrico que os homens conservavam desde os tempos mais remotos. Por outro lado, nomes como Darwin e Freud, correntes como o positivismo, o historicismo e o pragmatismo, vêm comprovar que no século XIX, a física, a biologia, a psicologia e as ciências históricas franqueiam motivos relativos a uma visão de mundo, os quais, pela primeira vez sem a mediação da filosofia, vão exercer influência sobre a consciência da época. E a prática bem-sucedida de decifrar os fenômenos naturais através da observação e da experimentação levou à suposição de que era possível fazer o mesmo com os fenômenos sociais, dando origem à física social de Comte.<sup>27</sup>

O método e a ciência experimental provocaram modificações na imagem que o ser humano tinha do mundo e na maneira como se via a si próprio. Com sua

<sup>25</sup> Cf. ARENDT, H., *Entre o passado e o futuro*. 5 e., São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 84-86; DESCARTES, R. *Discurso do método*. 2. e. São Paulo: Martins Fontes, 2001; ARENDT, H., *A condição humana*. 10 e., Rio de Janeiro: Forense, 2001, p. 286-288.

<sup>26</sup> Cf. ARENDT, H., *Entre o passado e o futuro*..., p. 85-86 e p. 303.

<sup>27</sup> Cf. HABERMAS, J. *The philosophical discourse of modernity*. Cambridge: Polity Press, p., 58 e 270; BRUNO, G. *Sobre o infinito, o universo e os mundos*. 2. e. São Paulo: Abril Cultural, 1978; COPERNICO, N. *As revoluções das orbes celestes*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbekian, 1984; COMTE, A. *Curso de filosofia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

racionalidade, o ser humano passou a enfrentar, a dominar e a transformar o mundo em seu próprio proveito. Com o moderno ideal de reduzir dados sensoriais e movimentos terrestres a símbolos matemáticos, abriu-se o caminho para uma forma inteiramente inédita de abordar e enfrentar a natureza na experimentação. Por outro lado, a matematização da natureza a partir de Galileu supôs um enorme empobrecimento em nossa percepção e vivência da realidade. Pois, desse modo, o “mundo da vida” ficou reduzido pelo da ciência e da técnica.<sup>28</sup>

Assim afirma Marcello C. Azevedo:

A ciência moderna, desde os seus albores, no século XIV, criou sua autonomia a partir da inversão do processo filosófico de lógica dedutiva ou de tradicional afirmação da autoridade, pelo processo indutivo de observação e experimentação, como veículos de teste das hipóteses e elaboração das teorias. Mais tarde, a expressão matemática e formal das ciências da natureza permitiu o fortalecimento de um novo processo indutivo-dedutivo-projetivo, de caráter positivo e verificável. Foi este tipo de racionalidade, próprio das ciências da natureza, que veio a configurar também a posterior formação metodológica das ciências sociais e humanas, desde a teoria econômica até a sociologia e história, a psicologia e antropologia cultural. O aspecto, porém, mais decisivo deste processo evolutivo da racionalidade científica é a progressiva articulação entre a ciência e a sua tradução técnico-tecnológica. É sobretudo por aí, em base à racionalidade instrumental, que se vai gestar a revolução industrial e, depois dela, em constante aceleração, as revoluções elétrico-eletrônica, nuclear, biológica e informática. O que as caracteriza todas é a mútua alimentação entre ciência e tecnologia.<sup>29</sup>

Estamos em grande parte num mundo que é inteiramente constituído através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas onde, ao mesmo tempo, não podemos nunca estar seguros de que qualquer elemento dado deste conhecimento não será revisado. Em ciência, nada é absolutamente certo, ainda que o empenho científico nos forneça a maior parte da informação digna de confiança. Nenhum conhecimento, sob as condições da Modernidade é conhecimento “no sentido antigo”, em que “conhecer” é estar certo. Isto se aplica igualmente às ciências naturais e sociais.<sup>30</sup>

<sup>28</sup> Cf. RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*. 3. e., São Paulo: Paulus, 2001, p. 20; HURSSSEL, E. *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale*. Milano: Saggeatore, 1972; ARENDT, H., *A condição humana*. 10 e., Rio de Janeiro: Forense, 2001, p. 277-278; QUEIRUGA, A. T. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 214-215.

<sup>29</sup> Cf. AZEVEDO, M., *Entroncamentos e entrecruques – vivendo a fé em um mundo plural*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 144-145.

<sup>30</sup> Cf. POPPER, K. *Conjecturas e refutações*. Brasília: UNB, 1972; GIDDENS, A., *As consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, p. 46.

#### 2.1.4.1.

#### Críticas à ciência e à técnica

A Modernidade gestou um novo paradigma de legitimação que se explicitou em primeiro lugar nas novas ciências da natureza: a legitimação pela mediação de um discurso de racionalidade. Há uma “pretensão de universalidade”, o que se concretiza nas diferentes tentativas de articular um discurso sobre o mundo como totalidade num “sistema” capaz de abranger todas as dimensões do real. Por outro lado, o progresso da ciência tende ao infinito e não conhece nem meta nem cumprimento. Trata-se de um progresso altamente técnico, sem dimensão de gratuidade e de contemplação, que se coloca a serviço de contratos comerciais e da racionalidade econômica.<sup>31</sup>

A apropriação do conhecimento não ocorre de uma maneira homogênea, mas é com frequência diferencialmente disponível para aqueles em posição de poder. O pensamento moderno se quer científico, mas é materialista; ele dissolve a individualidade dos fenômenos observados em leis gerais. Ao mesmo tempo, consciente da íntima razão de sua contribuição histórica, a ciência não poderia evitar uma natural tendência imperialista, mostrando de modo cada vez mais prepotente, suas pretensões de se converter em instância exclusiva do saber. Consequentemente, o que nos ocorre em primeiro lugar, naturalmente, é o tremendo aumento de poder humano de destruição e, ao mesmo tempo, o fato de que podemos produzir novos elementos jamais encontrados na natureza.<sup>32</sup>

O progresso da técnica é também um elemento essencial da Modernidade, com o desenvolvimento do instrumentalismo. Verificamos hoje, um verdadeiro culto à técnica e à eficiência. Por isso, a técnica é dominante. Sua lógica conduz ao totalitarismo. Há o ideal de uma “tecnização” da existência. Uma sociedade

<sup>31</sup> Cf. HORKHEIMER, M; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento: escritos filosóficos*. 3. e. Rio de Janeiro: Zahar, 1991; MORI, G., *A pós-modernidade e a teologia: desafios e tarefas*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA. São Leopoldo, 2004, mimeografado, p. 18; OLIVEIRA, M. A., *Pós-Modernidade: abordagem filosófica*. p.21-22. In: TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p.22.

<sup>32</sup> Cf. TOURAINE, A., *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 269; GIDDENS, A., *As consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, p. 50; ARENDT, H., *A condição humana*. 10 e., Rio de Janeiro: Forense, 2001, p. 281; QUEIRUGA, A. T., *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 207-208.

técnica e administrativa transforma o homem em objeto, o que expressa a palavra burocracia em seu sentido mais usual. O tecnicismo coloca-se a serviço da solidariedade social, mas também da repressão policial; da produção em massa, mas também da agressão militar ou da propaganda e da publicidade, qualquer que seja o conteúdo das mensagens transmitidas. Ao mesmo tempo, a técnica trabalha diretamente com o sucesso e com a eficácia, tornando-se referência suprema da verdade, já que ela funciona. E assim, a verdade é tomada de assalto por esse pensamento objetivo e tecnocrático.<sup>33</sup>

Não existe nenhum setor da vida e da sociedade que não tenha sido tocado pelo saber desenvolvido pela razão técnica. Esta é extraordinariamente eficaz e constrói um mundo realmente mais confortável. Mas, a lógica que ela impõe e a ética que ela favorece tendem, no entanto a captar o horizonte a partir do provisório e do imediatamente acessível. A tecnociência conseguiu certamente enormes progressos na batalha contra as doenças e na luta por melhores condições de vida, mas a ameaça da guerra e os incidentes nucleares ou químicos tiram a esperança de encontrar na tecnologia a salvação. Como afirma a *Populorum Progressio*, n. 34: “Corremos o risco de nos tornarmos escravos ou vítimas duma técnica que criamos para a nossa libertação”.<sup>34</sup>

A seguir, analisaremos as implicações da relação entre a Igreja e a Modernidade.

### 2.1.5.

#### Igreja e Modernidade

Segundo Berger e Luckmann,

<sup>33</sup> Cf. GIDDENS, A.; PIERSON, C., *Conversas com Anthony Giddens...*, p. 83; TOURAINE, A., *Crítica da Modernidade...*, p. 110; AGOSTINI, N. Condicionamentos e manipulações: desafios morais. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O itinerário da fé na “iniciação cristã dos adultos”*. Estudos da CNBB n. 82, São Paulo: Paulus, p. 103; MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. 6. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1982; VATTIMO, G., *O fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 26; TOURAINE, A., op. cit., p. 109-110; 177; LIBÂNIO, J. B., *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 2. e., São Paulo: Loyola, 1995, p. 123; HABERMAS, J. *La technique et la sciencee comme ideologie*. Paris : Denoel, 1984.

<sup>34</sup> Cf. MORI, G. L. A pós-modernidade e a teologia: desafios e tarefas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA. São Leopoldo, 2004, p. 18-19; PAULO VI. *Carta encíclica Populorum progressio*. Documentos Pontifícios n. 165, Petrópolis: Vozes, 1967.

Com o conceito de cristandade tentou-se na Idade Média européia trazer todas as pessoas para dentro de um espaço de poder e mantê-las dentro de um único, comum e supra-ordenado sistema de sentido. Esta tentativa nem sempre teve pleno êxito. Dentro da cristandade, minorias conservaram seus sistemas simbólicos especiais – judeus, hereges, cultos derivados de passado pagão. Às vezes a unidade simbólica da cristandade foi interrompida por forças poderosas do exterior (Islã) ou do interior (Igrejas orientais, albigenses). Foi sacudida de modo mais violento pela Reforma. Surgiram assim ao lado da Igreja Oriental ao menos duas outras “cristandades” – uma católica e uma protestante.<sup>35</sup>

Uma das mais difundidas e confiáveis visões da Modernidade é a de que ela se caracteriza como a “época da história”, em oposição à mentalidade antiga, dominada por uma visão naturalista e cíclica do curso do mundo. A Modernidade desenvolve e elabora em termos puramente mundanos e seculares a herança hebraico-cristã, com uma visão da história como progresso. Há uma concepção da história de uma forma dinâmica e contínua, onde o homem é chamado a construir a sua própria história. O mundo histórico não é algo que permanece, é precisamente o que passa e se modifica continuamente. Com isso, sobretudo a partir do século XVI, a sociedade começa a se tornar autônoma em relação à Igreja e à religião, atingindo o auge com o Iluminismo e com a Revolução Francesa.<sup>36</sup>

A Igreja, diante da Modernidade, representada pelo Iluminismo e pelo Liberalismo, assumiu no século XIX uma atitude predominantemente defensiva, rejeitando o processo de modernização e reafirmando seus conceitos de verdade, de revelação e de Tradição. A recusa aparece em acontecimentos manifestados no decorrer deste processo histórico. Exemplos podem ser verificados durante os pontificados de Gregório XVI (1831-1846) e de Pio IX (1846-1878). O primeiro, na encíclica *Mirari vos* (1832), condena a liberdade de consciência, de imprensa e de pensamento. O segundo publica a encíclica *Quanta cura* e o elenco de erros modernos: o *Syllabus*. Dessa forma, condenam-se todas as doutrinas anticatólicas, o panteísmo, o naturalismo, o racionalismo, o socialismo, o liberalismo e o

<sup>35</sup> Cf. BERGER, P.; LUCKMANN, T., *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 41-42.

<sup>36</sup> Cf. VATTIMO, G., *O fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. VIII-XI e p. 64; AZEVEDO, M., *Entroncamentos e entrelaços – vivendo a fé em um mundo plural*. São Paulo: Loyola, p. 108; SOUZA, N., *Evolução histórica para uma análise da pós-modernidade*. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.), *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 106.

comunismo. Também o Concílio Vaticano I (1869-1870), ao reafirmar a autenticidade da doutrina católica como fruto da revelação e da fé, condena o pensamento moderno em todas as suas formas racionalistas.<sup>37</sup>

Tudo isto porque a Modernidade pós-cristã chegou arrasando as tradições, questionando as autoridades, rejeitando os dogmas. A Teologia, que tinha desenvolvido excelentemente seu estatuto racional, paradoxalmente viu-se mal com esse surto da racionalidade Moderna pós-cristã. Essa última “tirou-lhe o tapete dos pés”, ao negar a autoridade inquestionável da Igreja católica (Reforma), ao defender uma religião da razão em oposição a toda religião revelada (deísmo), ao ir mais longe, afirmando a condição absoluta da razão humana e rejeitando a realidade transcendente de Deus (humanismo ateu).<sup>38</sup>

No entanto, com o Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja reconhece que não há uma adequação das questões de fé à nova realidade do mundo, abrindo-se assim a um diálogo com a Modernidade. Hoje, a concepção que se tem é de que não existe outra possibilidade de sermos verdadeiramente críticos com o processo da Modernidade a não ser reconhecendo a realidade de seu desafio, procurando aproveitar suas possibilidades e evitar seus perigos. Retornaremos este tema, por diversas vezes, ao longo da nossa discussão sobre a consciência moral.<sup>39</sup>

O fato é que os desafios estão aí, para serem enfrentados e a Igreja hoje não pode mais viver à margem da realidade sociocultural na qual se encontra. Mas, sua relação com esta realidade deve ser crítico-constructiva, não ingênua e submissa, nem agressiva e defensiva. Ao retomar o diálogo Igreja-Mundo, devemos ser conscientes da complexidade e das tensões nele envolvidas.<sup>40</sup>

<sup>37</sup> Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002)*. 2. e., São Paulo: Paulinas, 1999, n. 180; GREGÓRIO XVI. *Carta Encíclica Mirari vos*, 2. e., Petrópolis: Vozes, 1953; PIO IX. *Carta Encíclica Quanta cura e o silabo*, 3. e., Petrópolis: Vozes, 1959; DENZINGER, H. J. D., *Enchiridion Symbolorum: definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, (a cura di HÜNERMANN, P.). 4. e., Bologna: EDB, 2003, p. 1044-1083; SOUZA, N. Evolução histórica para uma análise da pós-modernidade. In: TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade...*, p. 106-107.

<sup>38</sup> Cf. LIBÂNIO, J. B., Desafios da pós-modernidade à teologia fundamental. In: TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade...*, p. 146.

<sup>39</sup> Cf. QUEIRUGA, A. T., *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, p. 18 e 22.

<sup>40</sup> Cf. AZEVEDO, M. *Entroncamentos e entrechoques – vivendo a fé em um mundo plural*. São Paulo: Loyola, p. 45.

### 2.1.6

#### Conclusão

A grosso modo, podemos dizer que a Modernidade caracteriza-se pela crença no progresso e na transformação da história. A ideologia modernista foi nitidamente revolucionária, criticando em teoria, e mais tarde na prática, o poder do rei e da Igreja Católica em nome dos princípios universais e da própria razão. A partir dela, sobretudo com o humanismo renascentista do séc. XVI, o teocentrismo deu lugar ao antropocentrismo. O Iluminismo do séc. XVIII veio reforçar esta concepção, depositando a plena confiança na razão e no progresso e desafiando as tradições.

O caráter de rápida transformação da vida social moderna deriva essencialmente do impulso energizante de uma complexa divisão de trabalho, aproveitando a produção para as necessidades humanas através da exploração industrial da natureza. Na sociedade de consumo, a contínua renovação (das roupas, dos utensílios, dos edifícios, etc.) é fisiologicamente requerida para a pura e simples sobrevivência do sistema.

Com as descobertas científicas, sobretudo dos meios de comunicação social e dos transportes, o mundo passou a ser uma aldeia global. A economia se globalizou, sendo o que mais importa é a eficiência, o lucro e o consumismo. Com todas estas mudanças, surgiu um pluralismo de modelos morais e religiosos e, ao mesmo tempo, a incredulidade e a secularização foram ganhando terreno. É significativo o fato de que o desenvolvimento do progresso e da técnica não chegou a melhorar o mundo do ponto de vista moral, mas só do ponto de vista do bem estar material.

Dando continuidade à nossa reflexão, discutiremos os problemas advindos da Modernidade, enfatizando as questões antropológicas.

## 2.2.

### Suposições antropológicas da Modernidade

#### 2.2.1.

##### Introdução

É preciso considerar que a mudança cultural proporcionada pela Modernidade trouxe uma valorização da subjetividade, da livre escolha pessoal, da liberdade e da consciência dos direitos fundamentais, decisivos para uma autêntica promoção humana. Assim se fala, entre outras coisas, sobre a libertação dos camponeses, a emancipação do proletariado, dos judeus, dos negros, das mulheres, das colônias, etc.

Por outro lado, no mundo moderno, verifica-se uma passagem da visão cosmocêntrica da realidade para o antropocentrismo. Tudo passa a ser julgado a partir do ser humano, que se percebe como centro do mundo. Há o descobrimento da subjetividade, da autonomia e, por fim, também a visão de que o ser humano é o sujeito de sua própria história. No entanto, tudo favorecerá a uma tendência cada vez maior ao individualismo, ao consumismo e ao egocentrismo.

O presente capítulo tem como finalidade abordar tais questões, apresentando alguns conceitos fundamentais da antropologia moderna. Tais conceitos irão dar suporte a uma nova reflexão da moralidade.

#### 2.2.2.

##### Autonomia

A Modernidade significou a emergência do sujeito autônomo, que se posiciona ativamente diante do mundo e transforma a natureza e a sociedade a serviço dos seus interesses, movido por uma construção mental que orienta esta transformação. Como expressão disso surgem o sujeito empreendedor e a ciência produtora de tecnologia.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Cf. JUNGES, J. R. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica*. São Leopoldo: UNISINOS, 2001, p. 17.

Kant interpretou a Modernidade como a idade da emancipação da humanidade. Para este filósofo, com os tempos modernos, a humanidade teve a possibilidade de atingir a maioridade pelo uso público da razão, que permitiu a efetivação da emancipação humana pelo afastamento de todas as tutelas, em qualquer ordem da vida, que impediam a pessoa de chegar à idade adulta.<sup>42</sup>

Com a Modernidade, há uma afirmação do ser humano como autônomo, livre, sujeito de si e da história. Conseqüentemente, há um pluralismo dos diversos setores do mundo social. O processo de “mundanização”, enquanto afirmação da autonomia secular, tornou-se um modo legítimo de procurar a libertação do sujeito humano de toda forma de heteronomia considerada opressiva, seja ela política, social, cultural ou mesmo religiosa. O sentido de autonomia que caracteriza o ser humano típico das modernas sociedades industriais está estreitamente ligado a uma difusa mentalidade de consumidor. Porém, esta orientação consumista não se limita à produção econômica, mas à sua relação com o mundo que o cerca. Dessa forma, o sujeito percebe-se “livre”, por assim dizer, de construir sua própria identidade individual.<sup>43</sup>

Provavelmente, o que constitui o núcleo mais determinante e talvez o dinamismo mais irreversível do processo moderno seja uma progressiva autonomia alcançada. Uma autonomia que começou pela realidade física, ao mostrar com clareza crescente que as realidades mundanas apareciam obedecendo às leis de sua própria natureza. Prosseguiu com a nova concepção da realidade social, econômica e política, ao deixar que se visse a estruturação da sociedade, a partilha da riqueza e o exercício da justiça como resultado de decisões humanas muito concretas. Dessa forma, já não há mais pobres e ricos porque Deus assim o dispôs, mas porque nós distribuimos desigualmente as riquezas de todos; o governante não mais o é “pela graça de Deus”, e sim pela livre decisão dos cidadãos. O processo

<sup>42</sup> KASPER, W. *Jesus, el Cristo*. 6. e., Salamanca: Sígueme, 1986, p. 49; OLIVEIRA, M. A. A crise da racionalidade moderna: uma crise de esperança. In: OLIVEIRA, M. A. *Ética e racionalidade moderna*. 2. e., São Paulo: Paulus, 1999, p. 71-72; Ibid., *Pós-Modernidade: abordagem filosófica*. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, p. 22.

<sup>43</sup> Cf. PASTOR, F. A. O Discurso sobre Deus. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, n.1, p. 18, 1997; AZEVEDO, M. *Entroncamentos e entrechoques – vivendo a fé em um mundo plural*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 107; AGOSTINI, N. *Teologia Moral: o que você precisa viver e saber*. 7. e., Petrópolis: Vozes, 2003, p. 23; LUCKMANN, T. *La religión invisible: el problema de la religión en la sociedad moderna*. Salamanca: Sígueme, 1973, p.109; QUEIRUGA, A. T. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 20.

prosseguiu pela psicologia, ao determinar que a vida e as alternativas da pessoa não podem mais ser entendidas de maneira imediatista, senão como reações mais ou menos livres às forças do inconsciente e às influências sociais e culturais. Neste sentido, percebemos aspectos positivos relevantes, no que tange à percepção das relações para com o mundo.<sup>44</sup>

A dimensão histórica tornou-se fundamental à condição humana. O sujeito aparece, na relação com a realidade na qual se situa, como um “eu” que experimenta vitalmente, pensa e transforma o seu mundo, ao mesmo tempo em que este lhe aparece envolvente. Contudo, a recusa da tradição como organização patriarcal, hierárquica e eclesial favoreceu o surgimento de uma concepção exclusiva do mesmo “eu”.<sup>45</sup>

A crescente autonomia humana em todos os setores da vida buscou livrar-se das forças do divino, caindo numa certa auto-suficiência. Várias vezes o Vaticano II denunciou esta espécie de falsa autonomia, que em alguns setores da vida social levanta “dificuldades contra qualquer dependência de Deus” (*Constituição Pastoral “Gaudium et spes*, n. 20a) “com grave perigo para a vida cristã” (*Decreto Apostolicam actuositatem*, n. 1b). O Concílio nos adverte que essa busca moderna da emancipação, boa em si, e digna sem dúvida de grande apreço, deve ser protegida “contra todas as aparências de falsa autonomia. Pois somos expostos à tentação de pensar que os nossos direitos pessoais só estão plenamente garantidos quando nos desligamos de todas as normas da Lei Divina. Por este caminho, longe de ser salva, a dignidade da pessoa humana perece” (*Constituição Pastoral “Gaudium et spes”*, n. 41c). Por isso, no mundo de hoje, existe um grave problema pessoal a se resolver: “Como reconhecer legítima a autonomia que a cultura reclama para si, sem cair em um humanismo meramente terrestre e mesmo adversário da própria religião?” (*Constituição Pastoral “Gaudium et spes”*, n. 56f).<sup>46</sup>

<sup>44</sup> Cf. KLOPPENBURG, B. *O cristão secularizado*. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 28-31.

<sup>45</sup> Cf. MOSER, A.; LEERS, B. *Teologia Moral: Impasses e Alternativas* 3. e., Petrópolis: Vozes, 1996, p. 51-52; VAZ, H. L. *Antropologia Filosófica*. Vol. I, São Paulo: Loyola, 1991, p. 195-197; *Ibid.*, Vol. II, p. 33; PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA; PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Jesus Cristo, portador da água viva: uma reflexão cristã sobre a Nova Era*. São Paulo: Paulinas, p. 60.

<sup>46</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações* (Organizado por VIER, F.; KLOPPENBURG, B.). 25. e. Petrópolis: Vozes, 1996; KLOPPENBURG, B. *op. cit.*, p. 30-31.

### 2.2.3.

#### Liberdade Humana

Com a Modernidade, percebe-se que a liberdade é sempre mediada pela realidade concreta do espaço e do tempo, pela corporalidade e pela história humana de cada um. Neste sentido, a liberdade é sempre limitada. Porém, ela não é simplesmente a faculdade de fazer isto ou aquilo, mas a faculdade de decidir sobre si mesmo e construir-se a si mesmo. Portanto, liberdade não existe como qualidade e possibilidade de ação de um sujeito qualquer, abstrato, autárquico e auto-suficiente. Em si mesma a liberdade é de natureza responsorial, dentro de uma realidade concreta. Ao mesmo tempo, encontra-se aberta e introduzida ao espaço das liberdades comunicantes, já que somos seres de relação, de intersubjetividade.<sup>47</sup>

Com o advento da época moderna enfatizou-se a conquista da liberdade subjetiva assegurada pelo direito privado, para a persecução dos interesses próprios. Na esfera do Estado, buscou-se a realização da igualdade de direitos, na formação da vontade coletiva, com certo bem-estar econômico e social, por meio da democracia política. A estrutura das sociedades modernas permitiu um pluralismo religioso que tornou possível a disposição de uma multiplicidade de ofertas de escolha de confissões religiosas. Por outro lado, criou condições para o surgimento de crises subjetivas e intersubjetivas de sentido, que irão refletir na relação com o sagrado.<sup>48</sup>

Além disso, o mundo, a sociedade, a vida e a identidade tornaram-se cada vez mais problematizados sempre com maior vigor. Tudo é questionado e submetido a várias interpretações. Nenhuma perspectiva moderna passou a ser assumida como única em validade ou ser considerada inquestionavelmente correta. De uma certa forma, isto é visto como grande libertação, como abertura de novos horizontes e possibilidades de vida. Mas este processo passou a ser percebido

---

47 Cf. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. 2. e., São Paulo: Paulus, 1989, p. 51-54; HÄRING, H. Da queda ao pecado hereditário: apontamentos ao Catecismo da Igreja Católica. *Concilium*, Petrópolis, fasc. 304, p. 38, 2004; HÜNERMANN, P. Experiência do “pecado original”? *Concilium*, Petrópolis, Vozes, fasc. 304, p. 116, 2004.

48 Cf. HABERMAS, J. *O discurso filosófico da Modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1998, p. 121; BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 59 e 80-81.

também como um peso, onde a maioria das pessoas sente-se insegura num mundo confuso e cheio de possibilidades de interpretação. Ou seja, a maioria das pessoas sente-se perdida nas tomadas de decisões.<sup>49</sup>

No mundo moderno, a liberdade de cada um não conhece outro limite que a liberdade dos outros, o que impõe a aceitação de regras da vida em sociedade que são puras obrigações, mas necessárias ao exercício da liberdade, a qual seria destruída pelo caos e pela violência. Por outro lado, alcançamos um grau muito maior de liberdade individual, mas caímos no risco de tratar os outros em termos puramente objetivos e instrumentais. Caímos também no risco de nos relacionarmos com os “outros” sem rosto por meio do frio e insensível cálculo dos necessários intercâmbios monetários, rendendo-nos às forças hegemônicas da racionalidade econômica.<sup>50</sup>

#### 2.2.4.

#### Subjetividade

A subjetividade pode ser tomada como: a percepção do próprio eu interior e de sua atenção à realidade exterior; a consciência da centralidade e eventual interferência deste sujeito, assim percebido, na compreensão do objeto, isto é, daquilo que não é o próprio sujeito; e, a consciência da influência decisiva deste sujeito enquanto fator de ação e de transformação de si, do mundo e da história.<sup>51</sup>

Os históricos acontecimentos-chave para o estabelecimento do princípio da subjetividade foram a Reforma, o Iluminismo e a Revolução Francesa. Com Lutero, a fé religiosa tornou-se reflexiva, onde o mundo divino transformou-se em algo postulado por nós. Contra a fé na autoridade da prédica e da tradição, o protestantismo passou a proclamar a soberania do sujeito que faz valer o seu próprio discernimento. Logo depois, a Declaração dos Direitos Humanos e o Código Napoleônico consagraram o princípio do livre arbítrio como fundamento

<sup>49</sup> BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 54.

<sup>50</sup> Cf. TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 273; HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 11 e., São Paulo: Loyola, 2003, p. 34.

<sup>51</sup> Cf. AZEVEDO, M. *Entroncamentos e entrechoques – vivendo a fé em um mundo plural*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 142-143.

substancial do Estado. Dessa forma, percebemos que a Modernidade não é separável da esperança colocada na razão e nas suas conquistas; esperança investida nos combates libertadores; esperança depositada na capacidade de cada indivíduo livre de viver cada vez mais como sujeito.<sup>52</sup>

Contudo, para Kierkegaard, o ser humano encontra-se perdido no labirinto do progresso mecânico, desamparado e quase desesperado. Sua única esperança está na compreensão da própria existência. Tal compreensão não pode ser alcançada por meio da inteligência e sim pela fé pura, pela relação humana com Deus. Isolado do mundo natural pela adesão à técnica e afastado de Deus, o ser humano moderno tornou-se uma “pessoa deslocada”.<sup>53</sup>

Para Hegel, o princípio do mundo moderno é em geral a liberdade da subjetividade. Partindo deste princípio, ele vai afirmar a superioridade deste mundo moderno, mas, por outro lado, a sua vulnerabilidade à crise. Isto se dá pelo fato de o mundo ser um mundo do progresso e de ser ao mesmo tempo o mundo do espírito alienado de si próprio. Por isso, contra a encarnação autoritária da razão centrada, Hegel convoca o poder unificador da intersubjetividade, que se apresenta sob os títulos de “amor” e “vida”. A época do Iluminismo, que culmina em Kant e Fichte, erigiu a razão em um mero ídolo, elevando-a como algo absoluto.<sup>54</sup>

Já na concepção de Heidegger, o mundo sempre antecede ao sujeito que, agindo ou conhecendo, relaciona-se com objetos. Não é o sujeito que estabelece relações com algo no mundo, mas é o mundo que, em primeiro lugar, institui o contexto a partir de cuja compreensão nós podemos deparar com o ente. Segundo essa compreensão pré-ontológica do Ser, o ser humano, enquanto humano, está originalmente envolvido na relação de mundo o qual não existe um eu isolado, mas um eu-com-os-outros.<sup>55</sup>

Neste sentido, na concepção moderna, o ser para o outro é a única maneira que o indivíduo tem de viver como sujeito. Nenhuma experiência é mais central que essa relação ao outro pela qual um e outro se constituem como sujeitos. Ou seja, a pessoa humana não se define por instituições ou ideologias, mas

<sup>52</sup> Cf. HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1998, p. 26-28; TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. ed., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 289.

<sup>53</sup> Cf. KIERKEGAARD, S. *O desespero humano*. São Paulo: Martins Claret, 2002, p. 123 e 126.

<sup>54</sup> Cf. HABERMAS, J. op. cit., p. 25-27; 36 e 44-45.

<sup>55</sup> Ibid., p. 208-210; HEIDEGGER, *Ser e tempo*. 4. ed., Petrópolis: Vozes, 1993, p. 116.

simultaneamente nas relações sociais e na consciência de si, na afirmação do Eu. Define-se pela reflexividade e pela vontade, pela transformação refletida de si mesmo e do seu meio ambiente. E é somente quando o ser humano sai de si mesmo e fala ao outro, não nos seus papéis, nas suas posições sociais, mas como sujeito, que ele é projetado fora do seu próprio si-mesmo, de suas determinações sociais, e se torna liberdade.<sup>56</sup>

#### 2.2.4.1.

#### Subjetividade e individualismo

O individualismo não resulta apenas do enfraquecimento dos laços comunitários e da solidariedade da sociedade tradicional, mas é um valor proclamado e justificado pelos autores modernos, desde o século XVIII, época do Iluminismo, tendo como um dos primeiros teóricos, Locke. O surgimento e a disseminação rápida da sociedade de consumo e, depois, a sociedade de informação, fizeram nascer o individualismo, onde somos tão facilmente trapaceados. Na sociedade moderna, a referência primeira e última tornou-se o indivíduo, como medida inclusive do que está além de si mesmo. De fato, é com a Modernidade que emerge de maneira explícita, forte e avassaladora essa onda individualista autocentrada.<sup>57</sup>

O individualismo proporciona as bases do ilusório sentido de “autonomia” que caracteriza a pessoa típica da sociedade moderna. Nele, a sensibilidade se circunscreve ao campo do interesse pessoal em detrimento do bem coletivo e da percepção subjetiva da existência do outro. Dessa forma, ao invés de proteger a dimensão sensível dos seres humanos, a fuga para o mundo privado auxilia na banalização da violência e do autoritarismo social.<sup>58</sup>

Com a sociedade moderna, temos uma organização social que acentua o

<sup>56</sup> Cf. TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 239; 285-286; 292 e 305.

<sup>57</sup> Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002)*. 2. e., São Paulo: Paulinas, 1999, n. 142; VAZ, H. C. de L. *Antropologia filosófica*. Vol. I. São Paulo: Loyola, 1991, p. 91; TOURAINE, A. op. cit., p. 272; 311; AGOSTINI, N. *Ética cristã e desafios atuais*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 98; LIBÂNIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 2. e., São Paulo: Loyola, 1995, p. 134.

<sup>58</sup> Cf. LUCKMANN, T. *La religión invisible: el problema de la religión en la sociedad moderna*. Salamanca: Sígueme, 1973, p. 108.

isolamento dos indivíduos, incentiva um comportamento que leva ao egoísmo e coloca as pessoas numa competição estressante, especialmente nas áreas urbanas. E assim, o individualismo, como ideologia moderna de fundo, e o primado do econômico como parâmetro primordial ao qual se subordinam o social, o cultural e o político, todos desembocam na frustração ou na perversão até mesmo de valores modernos que são fundamentalmente cristãos, como a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Na esteira da ideologia e da competição individualista e das dinâmicas seletivas do poder econômico e político, a igualdade entre as pessoas ficou perdida em meio à injustiça estrutural no plano dos indivíduos e dos povos.<sup>59</sup>

Com a Modernidade, houve uma valorização da subjetividade, da livre escolha pessoal, da liberdade e da consciência dos direitos fundamentais, decisivos para uma autêntica promoção humana. Mas, por outro lado, houve uma tendência a um subjetivismo exacerbado, levando ao narcisismo do indivíduo demasiadamente preocupado consigo mesmo, e que exalta o consumismo materialista como grande objetivo de vida, trazendo um empobrecimento das relações pessoais e sociais. A subjetividade conduz a uma integração melhor da pessoa humana no nível existencial de seu conhecimento e afetividade. Contudo, a ênfase indevida sobre a subjetividade pode levar ao relativismo subjetivista e arbitrário, debilitando a confiança mútua e tornando o ser humano vulnerável a abertura para uma possível integração de mente e coração, de teoria e prática e de diálogo no pluralismo.<sup>60</sup>

### 2.2.5.

#### Racionalismo e razão instrumental

Ao abandonar o império da tradição e da superstição para abraçar as luzes do mundo moderno, a humanidade deixou para trás a suposta obscuridade da era medieval. Deixou também a compreensão do mundo através de sua dimensão

<sup>59</sup> Cf. AZEVEDO, M. *Entroncamentos e entrechoques – vivendo a fé em um mundo plural*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 4 e 89; PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA; PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Jesus Cristo, portador da água viva: uma reflexão cristã sobre a Nova Era*. São Paulo: Paulinas, n. 112.

<sup>60</sup> Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002)*. 2. e., São Paulo: Paulinas, 1999, n. 142; VAZ, H. C. de L. *Antropologia filosófica*, Vol. I. São Paulo: Loyola, 1991, p. 91; AZEVEDO, M. *Entroncamentos e entrechoques – vivendo a fé em um mundo plural*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 142-143.

sensível, pois a história humana passou a ser pautada por uma recorrente dicotomia entre razão e sensibilidade, aonde a razão vem desempenhando o papel de protagonista. Neste sentido, o mundo moderno do trabalho racional é o mundo do consumo e do exercício do poder. As instituições políticas e econômicas chegaram a especializar-se crescentemente em suas funções, tornando-se cada vez mais “racionais”, com uma complexa divisão do trabalho e com um alto grau de autonomia.<sup>61</sup>

A Modernidade é, antes de tudo, o triunfo da razão. Não se trata, porém, de um avançar linear e avassalador da razão de modo inevitável, inelutável e uniforme. Varia conforme nações, grupos sociais, setores, interesses, indivíduos. Não produz efeitos iguais em todas as partes. Como toda realidade histórica, joga com elementos previsíveis, dentro de certa lógica, mas também com outros aleatórios, ocasionais.<sup>62</sup>

Ela é marcada pela racionalidade científico-tecnológica, que se enveredou por um caminho irreversível. O progresso científico ilimitado e o desenvolvimento tecnológico vieram para ficar. Não existe Modernidade sem racionalização; mas também não sem formação de um sujeito-no-mundo que se sente responsável perante si mesmo e perante a sociedade.<sup>63</sup>

Para Lima Vaz, os traços fundamentais da concepção racionalista do ser humano são a subjetividade do espírito como *res cogitans* e consciência-de-si, bem como a exterioridade, concebida mecanicisticamente, do corpo com relação ao espírito. Esse dualismo da idéia racionalista do ser humano apresenta-se essencialmente diverso do dualismo clássico, de feição platônica ou platonizante. Na concepção moderna, o espírito como *res cogitans* separa-se do corpo como *res extensa*, não para elevar-se à contemplação do mundo das Idéias (como no *Fédon* platônico), mas para melhor conhecer e dominar o mundo conforme o *Discurso do*

<sup>61</sup> Cf. LUCKMANN, T. *La religión invisible: el problema de la religión en la sociedad moderna*. Salamanca: Sígueme, 1973, p. 106; BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido – a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 78; HABERMAS, J. *O discurso filosófico da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 146.

<sup>62</sup> Cf. LIBÂNIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 2. e., São Paulo: Loyola, 1995, p. 117.

<sup>63</sup> Cf. TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 215; LIBÂNIO, J. B. Desafios da pós-modernidade à teologia fundamental. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 151.

*Método* (1637) de Descartes.<sup>64</sup>

A partir de Descartes, o interesse centra-se no próprio sujeito: *cogito ergo sum*. O ser humano torna-se o juiz da verdade. A reflexão e a análise crítica são muito valorizadas. Assim, o ser humano torna-se fortemente crítico. O ceticismo, como orientação de vida, leva a optar pela interrogação mais do que pela resposta. O espírito crítico extremamente afiado está igualmente presente, em relação à questão sobre Deus. É o ser humano quem interroga a Deus, especialmente sobre o seu silêncio em face do mal. Ícone do pensamento científico moderno, Descartes acreditava que o bom senso ou a razão teria o poder de bem julgar e de distinguir o verdadeiro do falso. Seu discurso pela busca da verdade como sinônimo da razão atravessou séculos e alicerçou o desenvolvimento do mundo moderno. E esta mesma razão que pautou a Modernidade produziu tanto ordem e progresso, como inúmeros episódios de insensatez na história humana.<sup>65</sup>

O projeto do Iluminismo considerava que o mundo poderia ser controlado e organizado de modo racional se ao menos se pudesse apreendê-lo e representá-lo de maneira correta. Mas isso presumia a existência de um único modo correto de representação que, caso pudesse ser descoberto (e era para isso que todos os empreendimentos matemáticos e científicos estavam voltados), forneceria os meios para os fins iluministas. Com isso, houve uma crescente busca de compreensão do mundo, representando-o como natureza, por meio da técnica e da ciência. Por meio delas o ser humano pretendeu satisfazer a duas das necessidades fundamentais que se manifestam na sua relação com a realidade exterior: a de suas carências, que se estendem do biológico ao espiritual, e à inata e incoercível necessidade de conhecer.<sup>66</sup>

Nos seus ensaios sobre sociologia da religião, o tema central da obra de Weber é o processo universal de racionalização e desencantamento, mutuamente relacionados. A emergência da sociedade moderna ocidental é explicada por Weber em termos de “processo de racionalização”, no qual as religiões universais,

<sup>64</sup> Cf. VAZ, H. C. L. *Antropologia filosófica*. Vol. I, São Paulo: Loyola, 1991, p. 82-83. PLATÃO. *Fédon*. Coleção “Clássicos gregos”. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000; DESCARTES, R. *Discurso do método*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>65</sup> Cf. KLOPPENBURG, B. *O cristão secularizado...*, p. 28-29.

<sup>66</sup> Cf. RAHNER, K. *Teologia e antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969, p. 26; HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 11. e., São Paulo: Loyola, 2003, p. 34-35.

e em particular o cristianismo, tiveram um papel preponderante. A racionalização social é vista por ele como especificação da economia, cujo núcleo organizador é a empresa capitalista, e do Estado moderno, cujo núcleo organizador é o aparelho de Estado. Cada um destes núcleos é responsável pela racionalização em diversos domínios: a empresa racionaliza a utilização técnica do saber científico, a força de trabalho, os investimentos, a contabilidade e a gestão; o aparelho estatal racionaliza a organização burocrática da administração, o poder judiciário, a força militar e o sistema fiscal. E, por fim, o direito formal moderno ocupa, segundo Weber, um lugar importante na organização e na mútua relação destes subsistemas da sociedade.<sup>67</sup>

Weber, ao traçar seu diagnóstico do mundo moderno, nota um crescimento desmedido da racionalidade instrumental e aponta a tendência a uma perda do sentido e uma perda da liberdade, fruto do poder crescente e inelutável de uma sociedade burocratizada, transformada numa “jaula de ferro”, em sua conhecida expressão. Weber alegava que a esperança e a expectativa dos pensadores iluministas era uma amarga e irônica ilusão. Eles mantinham um forte vínculo necessário entre o desenvolvimento da ciência, da racionalidade e da liberdade humana universal. Mas, quando desmascarado e compreendido, o legado do Iluminismo foi o triunfo da racionalidade, de uma forma que afeta todos os planos da vida social e cultural. Por isso, Nietzsche afirma que a razão outra coisa não é senão a vontade perversa de poder, ambição essa que a razão oculta de um modo tão fascinante.<sup>68</sup>

Devido a esta sede de poder, Horkheimer e Adorno entregaram-se a um desenfreado ceticismo perante a razão. Para eles, a ciência moderna voltou a si mesma no positivismo lógico e renunciou à pretensão empática de conhecimento teórico em favor da utilidade técnica. Na obra *A dialética do esclarecimento* (1972), tais autores afirmam que com a economia capitalista e o estado moderno reforça-se a tendência a reduzir tudo ao limitado horizonte da racionalidade. Com

---

<sup>67</sup>HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna...*, p. 46-47; WEBER, M. *The sociology of religion*. Boston: Beacon Press, 1993.

<sup>68</sup> Cf. ARAUJO, L. B. L. A sociologia weberiana da religião na teoria do agir comunicativo. In: ROLIM, F. C. (Org.). *A religião numa sociedade em transformação*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 53-54; HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1998,, p. 62.

isso, a própria razão corre o risco de destruir a humanidade.<sup>69</sup>

Escrevendo sob as sombras da Alemanha de Hitler e da Rússia de Stálin, Horkheimer e Adorno alegam que a lógica que se oculta por trás da racionalidade iluminista é uma lógica da dominação e da opressão. A ânsia por dominar a natureza envolve também o domínio dos seres humanos. O Iluminismo, ao buscar a emancipação humana, caiu num sistema de opressão universal em nome da libertação humana. E o século XX (com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, suas ameaças de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki) certamente deitou por terra o otimismo que havia em relação à razão objetiva.<sup>70</sup>

As análises da Escola de Frankfurt puseram a descoberto os efeitos terríveis da “razão instrumental”, isto é, de uma razão científica que, abandonada a si mesma, sobre o domínio da natureza acaba montando e justificando a exploração do ser humano. Ela assimilou-se ao poder e renunciou à sua força crítica. Dessa forma ficou a serviço do egoísmo possessivo. O universalismo da razão tornou-se uma máquina formidável de destruição das vidas individuais. A aceleração do progresso provocou um sacrifício permanente de uma grande parte da humanidade que vive na pobreza e na miséria. Com tudo isso, pode ainda o mundo ocidental acreditar que o triunfo da técnica associado ao poder popular libertará o homem da ignorância, da irracionalidade e da pobreza?<sup>71</sup>

Com a Modernidade, a razão buscou dominar toda a realidade, dirigindo e animando todo o processo civilizatório ocidental. Dessa forma, houve uma reificação de tudo, favorecendo o domínio predatório do ser humano em relação à natureza. Esta racionalidade extremada conflita com experiências lúdicas, estéticas, de gratuidade. Empobrece e encurta o universo das experiências humanas. Dificulta ter experiências salvíficas na relação com os outros, com a natureza, com a história. Obscurece a compreensão de uma revelação que se fundamenta na

---

<sup>69</sup> Cf. HORKHEIMER, M; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento: escritos filosóficos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991; HABERMAS, J. *O discurso filosófico da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 159-162 e 185.

<sup>70</sup> Cf. HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 11. e., São Paulo: Loyola, 2003, p. 23-24.

<sup>71</sup> Cf. HABERMAS, J. *O discurso filosófico da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 170; TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis; Vozes, 1999, p. 115 e 271.

gratuidade da oferta e acolhida. E os problemas da vida tornam-se meros problemas equacionados como de ordem técnica.<sup>72</sup>

A busca de compreensão por meio da universalidade da razão reduziu o mundo aos limites da própria razão. O que não pode ser analisado, medido, possuído passou a ser visto como não existente: a razão que mede o fenômeno passou a ser o juiz que distingue o real do irreal, o sentido do não sentido. E os próprios eventos históricos ficaram reduzidos a constantes repetições, homologados às ciências da natureza, transformados em mensuráveis.<sup>73</sup>

## 2.2.6.

### Autoconsciência

Por fim, uma das suposições antropológicas fundamentais da era moderna é a autoconsciência, já que se trata de uma das características humanas essenciais. A autoconsciência é o conhecimento de si que é próprio do ser humano. Nela, se constrói as múltiplas significações da experiência e da ação na vida humana. No entanto, a constituição do sentido na consciência não se dá por meio de um sujeito isolado, de uma mônada “sem janela”. A vida cotidiana está repleta de múltiplas sucessões de agir social, e é somente neste agir que se forma a identidade pessoal.<sup>74</sup>

Para Marx, o ser humano produz a sua própria vida. Portanto, na pessoa humana, a vida só pode ser chamada propriamente humana quando se torna uma atividade vital consciente. Essa produção da própria vida irá implicar nela os predicados especificamente humanos da consciência-de-si, da intencionalidade, da linguagem, da fabricação e uso de instrumentos e da cooperação com seus semelhantes. Conquanto algumas destas características, como a intencionalidade, a fabricação e uso de instrumentos e o comportamento gregário possam encontrar-se igualmente nos animais, pelo menos sob uma forma análoga, a consciência-de-si e a linguagem são predicados exclusivos da pessoa humana e, como capacidades cognoscitivas, são capazes de imprimir uma feição especificamente humana às

<sup>72</sup> Cf. LIBÂNIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade...* p. 123-124.

<sup>73</sup> Cf. GALIMBERTI, U. *Rastros do sagrado: o cristianismo e a dessacralização do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 175-176.

<sup>74</sup> Cf. BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 14 e 17-18.

outras características.<sup>75</sup>

Freud nos diz que não somos senhores absolutos de nossa própria consciência, já que grande parte daquilo que somos é determinado pelo inconsciente. A consciência é o centro ou, pelo menos, um dos pólos em torno dos quais se organiza a vida psíquica, os outros sendo o inconsciente e os estados supraconscientes. No entanto, a psicanálise se recusa a considerar a consciência como formadora da própria essência da vida psíquica, vendo-a como uma simples qualidade dessa vida, que coexiste com outras qualidades. Em lugar de partir da consciência é necessário partir do inconsciente, no sentido de atividade psíquica profunda da qual a consciência nada mais é que o invólucro em contato com a realidade que ela percebe.<sup>76</sup>

Nietzsche vê na consciência uma construção social ligada à linguagem e à comunicação, portanto aos papéis sociais. Em sua obra *A Gaia ciência*, o filósofo afirma que a consciência é o que há de menos realizado e de mais frágil na evolução da vida orgânica. De sorte que quanto mais um ser tem consciência, mais ele multiplica os passos falsos, os atos falhos que o fazem perecer.<sup>77</sup>

A tese básica dos filósofos modernos da consciência é de que a realidade é sempre uma realidade descrita de alguma forma. Nós nos situamos sempre na pluralidade e na diferença desses sistemas de interpretação, de modo que nossas categorias, nossa linguagem, nossas produções sociais, nossas convicções e nossas necessidades são todas contingentes e não há mecanismos que possam eliminar sua contingência. Portanto, sempre estamos num universo de interpretação. Todo acesso a entidades do mundo passa pelos processos intersubjetivos de entendimento dos mundos vividos das diferentes comunidades históricas, de tal

<sup>75</sup> Cf. MARX, K. *Economia política e filosofia*. Rio de Janeiro: Melso; ELSTER, J. *Marx, hoje*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989; VAZ, H. C. de L. *Antropologia filosófica*. Vol. I, São Paulo: Loyola, 1991, p. 128.

<sup>76</sup> Cf. VAZ, H. C. de L. op. cit., p. 191; TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis; Vozes, 1999, p. 127; FREUD, S. *Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1974; *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1975; *Metapsicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1974; *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Delta [19 ?]. v. 7.

<sup>77</sup> Cf. NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. São Paulo: Hemus, 1981; TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis; Vozes, 1999, p. 118.

modo que a objetividade nada mais é do que o maior acordo intersubjetivo possível.<sup>78</sup>

O sujeito só adquire autoconsciência à custa da objetivação, tanto da natureza exterior como da própria natureza interior. Só se pode falar de consciência quando se trata da consciência de um eu, implicando a reflexividade que permite opor o eu aos seus objetos. Esse processo é possível por meio da linguagem. É o que Kant nos mostra, ao afirmar que no conceito de auto-reflexão, o eu assume simultaneamente a posição de um sujeito empírico que se encontra no mundo, como objeto em meio a outros objetos, e a posição de um sujeito transcendental diante do mundo em seu todo, que ele próprio constitui como a totalidade dos objetos da experiência possível. A autoconsciência, portanto, em Kant trata-se da estrutura da auto-relação do sujeito cognoscente que se debruça sobre si mesmo como sobre um objeto para se compreender como uma imagem refletida num espelho, precisamente “numa atitude especulativa”. Ele faz da razão o supremo tribunal perante o qual tem de apresentar uma justificação tudo aquilo que de uma forma geral reclama qualquer validade.<sup>79</sup>

Percebemos que no discurso da Modernidade, o ser humano é visto preferentemente como indivíduo autônomo e também atomizado, caindo no individualismo e no subjetivismo. As coisas, agora sujeitas e dominadas pelo homem, terminam sua razão de ser no próprio homem? Não resta dúvida de que a resposta afirmativa levaria a um antropocentrismo fechado, imanente, auto-suficiente.<sup>80</sup>

A história demonstra que a pessoa humana moderna foi arremessada para dentro de si mesma. Uma das persistentes tendências da filosofia moderna desde Descartes, e talvez a mais original contribuição moderna à filosofia, tem sido uma preocupação exclusiva com o ego, em oposição à alma ou à pessoa ou ao ser

<sup>78</sup> Cf. OLIVEIRA, M. A. Pós-Modernidade: abordagem filosófica. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 40-42.

<sup>79</sup> Cf. HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1998, p. 29 e 61; VAZ, H. C. de L. *Antropologia filosófica*. Vol. I. São Paulo: Loyola, 1991, p. 188; HABERMAS, J. *O discurso filosófico da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 365-368; KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. 2. e., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002; Id., *Crítica da razão prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002; Id., *Crítica da razão pura e outros escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

<sup>80</sup> Ibid., p. 62; QUEIRUGA, A. T. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 25.

humano em geral. Trata-se de uma tentativa de reduzir todas as experiências, com o mundo e com outros seres humanos, na experiência entre o homem e si mesmo. No entanto, a Modernidade aprofundou também no ser humano a consciência explícita de seu potencial de relação. O indivíduo-em-relação é pessoa, que se abre à multiplicidade de uma rede de relações em muitas frentes com a natureza, com as coisas, consigo mesmo, com outras pessoas e com Deus.<sup>81</sup>

### 2.2.7. Conclusão

Modernidade é fundamentalmente racionalidade e racionalização, criando uma “ordem” a partir do “caos”. A suposição é a de que criando mais racionalidade, conduziremos a uma ordem maior, e que uma sociedade mais ordenada funcionará melhor. Por isso, a sociedade moderna está sempre vigilante frente àquilo que é considerado como uma possível desordem, ou que pode romper a ordem. Na sociedade ocidental, a desordem torna-se, muitas vezes, “o outro” que deve ser eliminado para que se mantenha a ordem.

Antes de tudo, a Modernidade nos apresenta um discurso da autonomia da razão contra a tutela que a instância religiosa exercia sobre todos os campos da vida humana. Neste sentido, ela reivindica a autonomia das diferentes esferas da existência em face do sagrado. A razão moderna afirma sua autonomia através da liberdade. Com isso, a Modernidade pensou ter chegado à afirmação do ser humano autônomo, sujeito de si e da história. Por outro lado, o conceito que a ciência tem da vida restringiu-se basicamente à funcionalidade do organismo vivo.

O universo da religião, da revelação e da metafísica cedeu lugar ao reino da razão positiva. Como consequência, temos uma crise da religião, desencantamento do mundo, secularismo generalizado e ateísmo rompante. Para muitos, Deus acabou aparecendo como inimigo do progresso e da plenitude humana e, ao final, como anulação do ser humano.

Além do culto à razão, a Modernidade fez da produção a mola-mestra para a satisfação das necessidades. O peso dado ao processo produtivo, passando pelo

---

<sup>81</sup> Cf. ARENDT, H. *A condição humana*. 10 e., Rio de Janeiro: Forense, 2001, p. 266; AZEVEDO, M. *Entroncamentos e entrelaçamentos – vivendo a fé em um mundo plural*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 142.

crivo da razão técnico-científica, acabou sacrificando elementos vitais do humano, deslocando o lugar do gratuito, do afetivo, do simbólico e do espiritual, quando não, excluindo-os sem mais.

Estes elementos são fundamentais para serem aprofundados, tendo em vista que eles irão provocar uma virada na concepção dos valores a serem vividos a partir de então. Dentro deste processo, não podemos deixar de levar em conta o problema da secularização.

## 2.3.

### Modernidade e secularização

#### 2.3.1.

##### Introdução

Dando continuidade à nossa reflexão, trataremos agora do tema da secularização, que surge neste contexto de Modernidade. Tal processo é irreversível, embora não ocorra de forma homogênea nos países e na sociedade, e atinge a organização da sociedade moderna em sua cultura e mentalidade coletiva.

De um modo geral, por “secularização” (*saeculum* → “este mundo, esta era”) se entende por um processo histórico pelo qual o mundo toma consciência de sua consistência e autonomia. Secularização significa a libertação do ser humano de todas as explicações religiosas, sobrenaturais, míticas e metafísicas do mundo. Em sentido filosófico-histórico e cultural, designa o processo de formação da cultura e da ética da sociedade burguesa, sublinhando sua autonomia e emancipação com relação ao cristianismo. Com a Modernidade, o humanismo moderno ateu depôs Deus de seu lugar absoluto, Criador e Senhor, para pôr aí o ser humano.<sup>82</sup>

É clara a distinção entre secularização e secularismo. A primeira comporta a retração de domínios inteiros da cultura e da sociedade de sua dependência em relação à dimensão religiosa ou mítica. A secularização, sem excluir o transcendente, busca no imanente a explicação que este lhe pode dar para os fenômenos. Enfatiza o especificamente humano e sua autonomia na percepção e elucidação da realidade. Já o secularismo exacerba a tendência legítima da secularização e a conduz à inaceitável negação e exclusão do religioso e do transcendente e à afirmação exclusiva do imanente. Enquanto a secularização é apenas a constatação de um processo histórico que se mantém aberto ao

---

<sup>82</sup> Cf. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, n. 19. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações* (Organizado por VIER, F.; KLOPPENBURG, B.). 25. e. Petrópolis: Vozes, 1996; KLOPPENBURG, B. *O cristão secularizado: o humanismo do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 17-18; n. 1, p. 18 e 107-108; ADOLFS, R. *Igreja, túmulo de Deus?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968; LIBÂNIO, J. B. Desafios da pós-modernidade à teologia fundamental. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 162.

transcendente, o secularismo implica uma nova visão fechada do mundo que exclui a transcendência, não reconhecendo outros valores fora do mundo.<sup>83</sup>

Secularização remete à autonomização das esferas sociais em relação à religião e à subjetivação das crenças. Supõe a separação jurídica do Estado em relação a determinada religião e a concessão e a garantia de liberdade de opção religiosa dos cidadãos. A religião deixa de ser a instância ordenadora do social e se circunscreve ao âmbito do privado, da subjetividade individual, perdendo ou diminuindo seu poder e sua importância simbólica na sociedade.<sup>84</sup>

Como afirma a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, n. 7c:

As novas condições (provocadas pelas mudanças culturais, sociais, psicológicas e morais) influem na própria vida religiosa. De uma parte o espírito crítico mais agudo a purifica de uma concepção mágica do mundo e de superstições ainda espalhadas e exige uma adesão à fé cada vez mais pessoal e operosa. Por isso, não poucos se aproximam de um sentido mais vivo de Deus. Por outra parte, multidões cada vez mais numerosas afastam-se praticamente da religião.<sup>85</sup>

### 2.3.2.

#### **Secularização: uma leitura a partir de Peter Berger**

Segundo Peter Berger, um dos maiores estudiosos do assunto, secularização é o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Baseado em Max Weber, ele afirma que foi a própria religião ocidental judaico-cristã, e especialmente a Reforma, um dos elementos responsáveis pela construção da Modernidade com que agora se confronta como oponente. A secularização não significa a negação total da religião, mas antes o fim dos monopólios religiosos e expulsão da religião do espaço público. Com isso, dá-se um pluralismo religioso, inaugurando uma

<sup>83</sup> Cf. AZEVEDO, M. *Entroncamentos e entrecruzes: vivendo a fé em um mundo plural*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 82; KLOPPENBURG, B. *O cristão secularizado: o humanismo do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 19.

<sup>84</sup> Cf. WILSON, B. *The secularization thesis: criticisms and rebuttals*. In: LAERMANS, R.; WILSON, B.; BILLIET, J. *Secularization and social integration*. Leuven: Leuven University Press, 1998, p. 49.

<sup>85</sup> Cf. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, n. 7. In: CONCILIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações* (Organizado por VIER, F.; KLOPPENBURG, B.). 25. e. Petrópolis: Vozes, 1996.

situação de mercado onde as diferentes alternativas religiosas concorrem pela preferência dos fiéis. Por outro lado, na moderna sociedade o mais numeroso é o tipo de “cristão de nome”, que pertence de alguma forma a uma Igreja, mas de maneira descompromissada.<sup>86</sup>

Para Peter Berger, a Modernidade seculariza o mundo. Ou seja, retira-o do dossel religioso tanto no nível objetivo e macrosocial, quando as instituições mais importantes da sociedade escapam da tutela religiosa, como também no nível subjetivo das consciências individuais, que se não a abandonam de todo, passam a ver a religião como uma questão da vida privada e de foro íntimo. A Modernidade e a secularização, ao substituir o reino da graça pelo da justiça social e ao transformar a questão teológica da pobreza e da dor em questão antropológica e política, desalienam o ser humano. No entanto, tal qual Weber, ele sublinha que a Modernidade não oferece respostas para problemas fundamentais como a morte e o sentido da vida.<sup>87</sup>

Berger critica a consciência moderna pelo fato de ter a pretensão de negar o transcendente e também aponta a incompetência moral da consciência moderna e da sua razão. Como Weber, não compartilha a utopia iluminista de que a razão poderia criar um mundo mais humano. Mas, por outro lado, muitas guerras e mortes teriam sido evitadas se as pessoas tivessem aprendido a duvidar de suas convicções fundamentalistas. A Modernidade leva invariavelmente à secularização, no sentido de um dano irreparável na influência das instituições religiosas sobre a sociedade, bem como de uma perda de credibilidade da interpretação religiosa na consciência das pessoas. Assim, nasce uma nova espécie histórica: “o ser humano moderno” que acredita poder se virar muito bem sem religião tanto na vida privada como na vida em sociedade.<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> Cf. BERGER, P. *O dossel sagrado*, 5. e., São Paulo: Paulus, 2004; MARIZ, C. L. Peter Berger: uma visão plausível da religião. In: ROLIM, F. C. (Org.) *A religião numa sociedade em transformação*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 93 e 102.

<sup>87</sup> Cf. BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 61-63; MARIZ, C. L. op. cit., p. 102-103.

<sup>88</sup> Cf. BERGER, P.; LUCKMANN, T. op. cit., p. 47-48; MARIZ, C. L. op. cit., p. 104-109.

### 2.3.3.

#### Mundo autônomo e secularizado

O mundo da Modernidade é um mundo autônomo e secularizado, isto é, sem recurso ao transcendente para sua legitimação e inteligibilidade. É um mundo centrado não no grupo, mas no indivíduo, como sede de iniciativas, direitos e deveres. Consequentemente, é um mundo marcado pelo pluralismo de sentido e de valores e pela afirmação do primado ou até mesmo da exclusividade da razão humana, como fonte do conhecimento e da verdade. A Modernidade não é apenas resultado de uma secularização do cristianismo, por mais importante que tenha sido esta tradição religiosa no âmbito da racionalidade da conduta da vida. Mas, a secularização surgiu, sobretudo no Ocidente cristão e se tornou um dos elementos estruturais da sociedade moderna.<sup>89</sup>

Vivemos numa época de uma acelerada secularização, a qual, embora não deva necessariamente significar secularismo (ateísmo), significa, no entanto “secularidade” (mundanidade). Hoje, também há uma radical individualização, onde toda pessoa de “maioridade” exige ter sua opinião própria, tomar suas próprias decisões, resistindo a ser tutelada por instituições sociais (Estado, Igreja, sindicatos ou outros grupos de interesses). Além disso, há um crescente pluralismo ideológico, onde as grandes religiões cada vez mais se dividem em tendências, grupos, pequenas comunidades de fé e instituições autônomas, onde reina um variado mercado de ofertas religiosas, e onde milhões de pessoas praticam uma “religião de colcha de retalhos”.<sup>90</sup>

A sociedade moderna não tem uma religiosidade consistente, mas instável e individualista. Muitas vezes, a religião tornou-se irrelevante para a experiência diária da pessoa humana. O que conta é a sua esfera privada, tendo como ideal o cidadão responsável e exitoso economicamente. Todo esse processo é extremamente desumanizador. A história, que na visão cristã, se apresentava como

---

<sup>89</sup> Cf. AZEVEDO, M. *Entroncamentos e entrecruques – vivendo a fé em um mundo plural*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 43-44; nota 6, p. 85; p. 110. PASTOR, F. A. O discurso sobre Deus. *Atualidade teológica*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 9, 1997; ARAUJO, L. B. L. A sociologia weberiana da religião na teoria do agir comunicativo. In: ROLIM, F. C. (Org.) *A religião numa sociedade em transformação*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 51.

<sup>90</sup> Cf. KUNG, H. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 248.

história da salvação tornou-se, primeiramente, busca de uma condição de perfeição intramundana e, depois, progressivamente, história do progresso. Mas, o ideal do progresso é vazio, seu valor final é o de realizar condições em que sempre seja possível um novo progresso.<sup>91</sup>

O esquema da história da salvação perdeu o seu conteúdo religioso. Ou seja, na concepção da Modernidade, se alguma salvação existe, deve estar no próprio ser humano. O sentido que a história da salvação conferia ao tempo transfere-se para a teoria do progresso, para a qual cada período do tempo é a realização de certos preparativos históricos e antecipação de realizações futuras. Desse modo, um fundo soteriológico sobrevive também na mais radical dessacralização da escatologia cristã, onde se recupera e representa o tema da redenção sob a forma de libertação. Apresentam-se como figuras de libertação e, portanto, com formas secularizadas da escatologia da salvação, a ciência, a utopia e a revolução, cada uma com as suas variantes, determinadas pelos diferentes modos. Como as figurações do tempo se contaminam entre si, elas também se corrigem reciprocamente.<sup>92</sup>

#### **2.3.4.**

#### **Raízes da secularização**

A naturalidade e evidência cosmicamente codificada de cristianismo é pela primeira vez questionada por homens como Galileu, Copérnico e Kepler. Depois, com o Iluminismo, surge uma radical crítica das crenças religiosas, permanecendo como característica da época moderna o duvidar das verdades eternas. Os teóricos políticos do século XVII realizaram a secularização, separando o pensamento político do pensamento religioso. A separação entre Igreja e Estado ocorreu, eliminando a religião da vida pública, removendo todas as sanções religiosas da política e fazendo com que a religião perdesse aquele elemento público que ela

---

<sup>91</sup> Cf. LUCKMANN, T. *La religión invisible: el problema de la religión en la sociedad moderna*. Salamanca: Sígueme, 1973, p. 121-129; VATTIMO, G. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. XIII.

<sup>92</sup> Cf. ARENDT, H. *A condição humana*. 10. e., Rio de Janeiro: Forense, 2001, p. 291-292; GALIMBERTI, U. *Rastros do sagrado: o cristianismo e a dessacralização do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 26.

adquirira nos séculos anteriores. O problema não era negar a existência de Deus, mas descobrir no domínio secular um significado independente e imanente. E, assim, a orgulhosa cultura iluminista da reflexão, separou-se da religião.<sup>93</sup>

Desde sempre, as comunidades humanas basearam as regras do seu comportamento social e moral na vontade de Deus, considerado o instituidor da comunidade. Por mercê de Deus, os soberanos legitimavam o seu poder e em nome de Deus promulgavam as suas leis. O pecado era a transgressão da lei que, fundamentada na vontade divina, era pecado contra Deus. Na “Idade das Luzes”, a vontade divina foi substituída pela vontade popular, e assim, surgiram no Ocidente, as sociedades burguesas que, com o consenso dos contraentes sociais, instituíam o ordenamento normativo cujo reverso era o elenco dos crimes: crimes contra a comunidade e não pecados contra Deus.<sup>94</sup>

A Modernidade tira Deus do centro da sociedade e coloca a ciência. A sociedade, a história, a vida individual deixam de ser vontade de um ser supremo para serem submetidos simplesmente às leis naturais. A Modernidade substitui, assim, a autoridade de Deus e da Igreja pela autoridade do ser humano considerado como consciência ou razão; o desejo de eternidade pelo projeto de progresso histórico; e, a beatitude celeste por um bem-estar terrestre.<sup>95</sup>

Dessa forma,

Eliminada a imutabilidade da ordem natural concebida pela religião judaico-cristã, que pensa a natureza como o efeito de uma vontade (a vontade de Deus), eliminado Deus com o advento do humanismo, que transferiu para a vontade do homem as prerrogativas da vontade divina, agora é o homem que sucumbe sob a hegemonia da técnica, que não reconhece a natureza, nem Deus, nem o homem como seu limite, mas somente o estado dos resultados alcançados, que pode ser deslocado ao infinito sem nenhum outro objetivo senão o da autopotencialização da técnica como fim em si mesma.<sup>96</sup>

Um tipo de certeza divina (lei divina) foi substituído por outro (a certeza de nossos sentidos, da observação empírica), e a providência divina foi substituída pelo progresso providencial. Ao substituir Deus pela ciência, a Modernidade

<sup>93</sup> Cf. BUCHER, R. O corpo do poder e o poder do corpo: a situação da Igreja e a derrota de Deus. *Concilium*, Petrópolis, fasc. 306, p. 142, 2004; HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1998, p. 31; ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. 5. e., São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 104; 131.

<sup>94</sup> Cf. GALIMBERTI, U. *Rastros do sagrado...*, p. 314-315.

<sup>95</sup> Cf. MACHADO, R. Deus, homem, super-homem. In: ROLIM, F. C. (Org.) *A religião numa sociedade em transformação*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 57; TOURAINE, A. *Crítica da modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 18-19.

<sup>96</sup> Cf. GALIMBERTI, U. op. cit., p. 37.

relegou as crenças religiosas à vida privada. Mas, a racionalização da Modernidade não se limitou a esta substituição. Ela tornou-se o princípio da organização da vida pessoal e coletiva. A providência divina foi substituída pela providência da razão, e esta coincidiu com a ascensão do domínio europeu em todo o mundo.<sup>97</sup>

Muitos pensaram que a ruptura do sagrado e mágico devia deixar o lugar livre a um mundo moderno governado pela razão e pelo interesse, que seria acima de tudo um único mundo, sem sombras e sem mistérios, o mundo da ciência e da razão instrumental. Este modernismo pareceu triunfar por muito tempo e é somente na segunda metade do século XIX, com Nietzsche e Freud, que ele será criticado e começará a entrar em decomposição.<sup>98</sup>

### 2.3.5.

#### Fundamentos e conseqüências da secularização

O pensamento modernista afirma que os seres humanos pertencem a um mundo novo governado por leis naturais que a razão descobre e às quais ela própria está sujeita. Identifica-se, assim, o povo, a nação, o conjunto de pessoas com um corpo social, que funciona segundo leis naturais. Neste sentido, é preciso livrar-se das formas de organização de dominação irracionais que fraudulentamente procuram se legitimar, recorrendo a uma revelação ou a uma decisão supra-humana. Este pensamento se opôs ao pensamento religioso com uma violência que variou segundo os vínculos que uniam poder político e autoridade religiosa.<sup>99</sup>

E assim, a sociedade moderna fez com que as funções políticas, econômicas, científicas fossem se livrando da função religiosa e assumindo um caráter temporal cada vez mais acentuado. Com a Modernidade, houve uma separação entre Igreja e Estado, uma laicização das instituições e uma excessiva racionalização de todos os setores da vida. Com isso, a cidade moderna viu a experiência de fé sendo confinada ao privado, com a tendência de suprimir as referências religiosas

<sup>97</sup> Cf. GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, p. 54; LIBÂNIO, J. B. Desafios da pós-modernidade à teologia fundamental. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs). *Teologia na pós-modernidade...*, p. 445; BARRERA, P. Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade: desafios para o estudo da religião. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs). op. cit., p. 452.

<sup>98</sup> Cf. TOURAINE, A. *Crítica da modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 46-47.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 18; 228.

comuns. Com êxito, as idéias seculares passam a rivalizar com a Igreja, que se converte numa instituição entre tantas outras instituições do Estado moderno. As ideologias do mundo moderno são contra-religiosas, sendo, muitas vezes, substitutas da religião, sobretudo nas populações jovens e urbanas. A sociedade moderna caracteriza-se por essa ausência de religião. As Igrejas tornam-se “ilhas de religião” no mar da secularização.<sup>100</sup>

A Modernidade não aceita a interferência da religião, o poder das Igrejas no mundo político, público. É intolerável para uma mentalidade moderna a religião regular, tutelar o conjunto das estruturas sociais. Por isso, no Ocidente, instaurou-se um fenômeno de relativização, crítica e rejeição de toda forma de sagrado histórico, a começar pelo sagrado cristão. A secularização transformou-se no grande desafio do mundo moderno em relação à Igreja, causa determinante da diminuição da prática religiosa, da redução das vocações, da perda de valores éticos do catolicismo na vida individual e familiar e, ainda, em particular, por tender à meta de uma organização de vida coletiva que prescindia dos valores cristãos, reduzindo ou anulando a importância social da Igreja.<sup>101</sup>

Há um relativismo e até uma antipatia ou indiferença para com a fé cristã. Parece que as pessoas sentem que a religião não lhes oferece, ou talvez nunca lhes tenha dado aquilo de que realmente têm necessidade. Outra tendência é a inversão de sentido da experiência religiosa. A religião deixa de ser pensada e vivida como uma forma de reconhecimento, adoração e entrega ao Criador, obediência na fé, serviço a Deus. Torna-se busca de utilidade para a pessoa, seja um sentido para a vida, paz interior, terapia ou cura de males, sucesso na vida e nos negócios.<sup>102</sup>

A Modernidade buscou a supressão dos princípios eternos, a eliminação de todas as essências, em benefício de um conhecimento científico de tudo o que existe. A rejeição de toda revelação e de todo princípio moral criou um vazio que é preenchido pela idéia de utilidade social. O ser humano tornou-se apenas um

<sup>100</sup> Cf. AGOSTINI, N. *Ética cristã e desafios atuais*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 102; 143; LUCKMANN, T. *La religión invisible: el problema de la religión en la sociedad moderna*. Salamanca: Sígueme, 1973, p., p. 33; 51; 105; 120.

<sup>101</sup> Cf. MENOZZI, D. *A Igreja Católica e a secularização*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 11; LIBÂNIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 2. e., São Paulo: Loyola, 1995, p. 140-142.

<sup>102</sup> Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA; PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Jesus Cristo, portador da água viva: uma reflexão cristã sobre a Nova Era*. São Paulo: Paulinas, p. 14; 17.

cidadão. A caridade tornou-se solidariedade e a consciência passou a ser o respeito pelas leis. Os juristas e os administradores substituíram os profetas. A concepção moderna é de que o ser humano não é mais uma criatura feita por Deus à sua imagem, mas simplesmente um ator social definido por papéis, isto é, pelas condutas ligadas a *status* e que devem contribuir para o bom funcionamento do sistema social. Ele é o que faz, por isso, não deve mais olhar além da sociedade, na direção de Deus, de sua própria individualidade ou suas origens, e deve procurar a definição do bem e do mal no que é útil ou nocivo à sobrevivência e ao funcionamento do corpo social.<sup>103</sup>

### 2.3.6.

#### **Secularização como dessacralização e desencantamento do mundo**

Durkheim afirma em sua obra *As formas elementares da vida religiosa* que o processo de secularização se dirige, sobretudo e em primeiro lugar contra o sacro e se transforma então num processo de dessacralização. Este mundo sacro entrou irreversivelmente em crise. Para o mundo da ciência e da técnica, um mundo de espírito crítico que perdeu a ingenuidade, as coisas deixaram de ser sacras. Tudo se tornou dessacralizado, sem forças misteriosas, transnaturais. Quanto mais avança a ciência, no conhecimento da natureza, e a técnica, no domínio sobre a natureza, mais desaparecem os espíritos e os demônios, mais o cosmo se torna profano, secular. Dessa forma, o mundo tornou-se o campo de ação do ser humano, onde as coisas são feitas para serem manipuladas e transformadas. Com isso, a fé religiosa foi substituída pela fé leiga do trabalho, do significado provisório e dos fins intermediários, embora a dimensão transcendente seja constitutiva do ser humano.<sup>104</sup>

Contudo, Mircea Eliade afirma que qualquer que seja o grau de dessacralização do mundo que haja chegado, a pessoa que opta por uma vida profana não pode abolir completamente o comportamento religioso. Até a vida

<sup>103</sup> Cf. TOURAINE, A. *Crítica da modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 26; 38 .

<sup>104</sup> Cf. DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*, São Paulo: Martins Fontes, 1996; KLOPPENBURG, B. *O cristão secularizado...*, p. 24; MORI, G. L. Minicurso para o Simpósio Internacional de Teologia. *A pós-modernidade e a teologia: desafios e tarefas*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA. São Leopoldo, UNISINOS, 26/05/04.

mais dessacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo.<sup>105</sup>

O mundo moderno, secularizado, está repleto de ídolos e deuses não divinos, como a ideologia moderna do trabalho, do progresso, do êxito. Quanto mais avançamos com a ciência e com a técnica, mais nos distanciamos do mundo do sacro, do mito, da magia, da metafísica e da religião. Um mundo assim secularizado é um mundo profano, racional, exorcizado, objetivo e coisificado. Trata-se do “mundo unidimensional” denunciado por Marcuse. Um mundo incapaz de satisfazer o ser humano para torná-lo verdadeiramente realizado e feliz.<sup>106</sup>

O processo de secularização aparece como um declinar da religião. Revela uma conformidade com este mundo e um movimento de horizontalização, desviando a atenção do mundo sobrenatural para o intramundano. Manifesta uma perda de influência pública da religião sobre a sociedade. Provoca uma transposição de crenças e instituições para fenômenos da criação e da responsabilidade puramente humana. Tudo isso implica neste processo de dessacralização do mundo.<sup>107</sup>

Os conceitos de Max Weber como desencantamento, secularização e racionalização tornaram-se clássicos e definem perfeitamente esta realidade. Max Weber foi quem melhor compreendeu a Modernidade, com a idéia de desilusão ou desencanto do mundo e extinção das formas tradicionais de autoridade e saber. Ele descreveu como racional esse processo de desencanto que fez com que a desintegração das concepções religiosas do mundo gerasse na Europa uma cultura profana. No entanto, o mundo moderno, completamente racionalizado, é desencantado apenas na aparência; sobre ele paira a maldição da coisificação demoníaca e do isolamento mortal.<sup>108</sup>

<sup>105</sup> Cf. ELIADE, M. *Il sacro e il profano*. Torino: Boringhieri, 1984, p. 18-20.

<sup>106</sup> Cf. MARCUSE, *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982; AGOSTINI, N. *Ética cristã e desafios atuais*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 102; KLOPPENBURG, B. *O cristão secularizado: o humanismo do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 230.

<sup>107</sup> Cf. BONHOEFFER, *Ética*. 6. e., São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 58-65; LIBÂNIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 2. e., São Paulo: Loyola, 1995, p. 88.

<sup>108</sup> Cf. HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1998, p. 3; 13; 158; GIDDENS, A.; PIERSON, C. *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 73; TOURAINE, A. *Crítica da modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 38.

### 2.3.7.

#### Conclusão

A secularização não significa a negação total da religião, mas antes o fim dos monopólios religiosos e expulsão da religião do espaço público. No mundo moderno, há sempre a busca do progresso e do crescimento econômico, por meio da produção em massa. Tudo gira em torno da jurisdição do econômico. Os significados religiosos deixam de ser considerados como fundamentais à vida cotidiana, desembocando numa crise dos modelos éticos convencionais.

O desenvolvimento econômico e a racionalização, unido à crescente urbanização, provocaram uma maior secularização. A religião tradicional tem sido empurrada para a periferia da vida moderna, à margem da vida contemporânea. O processo tem alterado significativamente a posição social da religião. Há um retraimento da religião em função dos variados “tipos de fé” na ciência.

Como afirma Max Weber, o mundo racionalizado pela ciência moderna é um mundo desencantado ou secularizado. Quanto mais avançamos com a ciência e com a técnica, mais nos distanciamos do mundo do “sacro”, do “mito”, da “magia”, da “metafísica” e da “religião”. Portanto, com o advento da Modernidade e seu ulterior desenvolvimento, há um enfraquecimento da concepção de Deus.

O processo lento de secularização ou de desencantamento do mundo, mediante o qual foi acontecendo uma humanização do divino, é compensado pelo movimento paralelo de divinização do humano, que se verifica seja na esfera privada das relações interpessoais, como o amor, seja na esfera coletiva, como a sacralização do corpo, do coração, da cultura e da política.

Mas, a secularização é sem dúvida uma questão complexa e não parece resultar no desaparecimento completo do pensamento e atividades religiosos, provavelmente por causa do poder da religião sobre algumas das questões existenciais. Ao retomar o diálogo Igreja-Mundo, devemos ser conscientes desta complexidade e das tensões nela envolvidas. Tendo presente o reemergir das identidades culturais, a Igreja não pode pretender a universalização dos padrões de uma só cultura, em base aos quais construa sua unidade sobre a uniformidade. Por outro lado, o mundo moderno é um mundo secular, isto é, um mundo cujo

princípio de legitimação e cujas dimensões de expressão e de ação não são religiosas e menos ainda cristãs.

## 2.4.

### A Pós-Modernidade e seus novos desafios

#### 2.4.1.

##### Introdução

A Pós-Modernidade se revela como o esgotamento e superação da Modernidade. Trata-se da busca de uma nova época, que seria libertada dos efeitos perversos da época anterior. No entanto, qualquer discurso sobre a Pós-Modernidade parece ser contraditório, pois, o próprio termo é muito ambíguo, polissêmico e polêmico. De uma certa forma, é indefinível, fluido e inconsistente. Até seu nome é curiosamente contraditório, uma vez que ele recorre a uma definição histórica – *pós* – para denominar um movimento cultural em ruptura com o historicismo.<sup>109</sup>

O caos global das duas grandes guerras tornou evidente que os principais valores da Modernidade estavam em crise. A total crença na razão, no progresso, no nacionalismo, no capitalismo e no socialismo fracassara. A Europa estava pagando um preço alto com o fascismo, o nazismo e o comunismo. Esses movimentos idealizavam de uma maneira moderna a raça e a classe, e seus líderes impediram uma ordem mundial nova e melhor. A Primeira Guerra Mundial colocou em marcha a revolução global que se tornaria explícita após a Segunda Guerra: a mudança do paradigma eurocêntrico de Modernidade, que tinha uma marca colonialista, imperialista e capitalista. O novo paradigma que começava a se desenvolver, o da Pós-Modernidade, seria global, policêntrico e de orientação ecumênica.<sup>110</sup>

---

<sup>109</sup> Cf. GIDDENS, A. *As conseqüências da Modernidade*, São Paulo: UNESP, 1991, p. 52; 162; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002)*. 2<sup>a</sup>. e., São Paulo: Paulinas, 1999, n. 140; VATTIMO, G. *O fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. S. Paulo: Martins Fontes, 2002, p. VIII-IX; BENEDETTI, L. R. Pós-modernidade: abordagem sociológica. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 53; TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 203; JUNGES, J. R. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 19.

<sup>110</sup> Cf. SOUZA, Ney de. Evolução histórica para uma análise da pós-modernidade. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) op. cit., p. 115.

Fato é que o processo civilizatório da Modernidade trouxe como consequência a possibilidade de guerra nuclear, calamidade ecológica, explosão populacional incontrolável, colapso do câmbio econômico global. Trouxe também: urbanização caótica e desumanizante, industrialização a serviço do consumismo e produtora de desemprego, técnica a serviço da guerra e da violência mortífera, destruição do meio ambiente, especulação financeira, atividade econômica movida exclusivamente pelo lucro, prática corporativista da política, desmobilização das estruturas reguladoras do Estado, medicina espoliadora da dignidade humana, etc. A tomada de consciência desses efeitos funestos levou a uma crítica do próprio processo da Modernidade, a qual os gerou.<sup>111</sup>

Por isso, vivemos hoje uma realidade onde há uma desconfiança da razão e um desencanto ante os ideais não realizados pela Modernidade. Há um desaparecimento de dogmas e princípios fixos: agnosticismo, pluralidade de verdades, subjetivismo; uma fragmentação das “cosmovisões”, com uma dissolução do sentido da história. Há também, uma pluralidade ideológica e cultural, com forte dose de ecletismo, uma crise aguda da ética, com um narcisismo, hedonismo, flexibilidade de costumes, permissividade e uma fragmentação religiosa.<sup>112</sup>

## 2.4.2.

### A Pós-Modernidade como fenômeno sócio-econômico-político

A Pós-Modernidade expressa o fracasso do Iluminismo racionalista moderno, que levou o mundo às grandes ideologias de esquerda e de direita, as quais quiseram, cada uma a seu modo, coagir toda humanidade a aceitar suas “luzes”, mesmo com violências, holocaustos e desumanidades. O século XX é o século do declínio da Modernidade, mesmo sendo o das conquistas da técnica. Nele, presenciou-se as violências extremas do nazi-fascismo, do comunismo e

---

<sup>111</sup> Cf. GIDDENS, A. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991, p. 127; JUNGES, J. R. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais da ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, p. 18-19.

<sup>112</sup> Cf. HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 12. e., São Paulo: Loyola, 2003, p. 73; GASTALDI, I. *Educar e evangelizar na pós-modernidade*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1994, p. 30.

mesmo do capitalismo liberal, o qual impôs a pobreza e a miséria a centenas de milhões de pessoas pelo mundo afora. Diante do fracasso dessas grandes ideologias, surge o agnosticismo desencantado, sem arroubos por verdades absolutas e universais. Este, se adapta bem ao pluralismo e ao individualismo vigentes na grande sociedade, ao hedonismo do prazer imediato e fácil, ao permissivismo comportamental e ético, e ao consumismo oferecido pela nova ordem econômica mundial fundada na hegemonia do livre mercado globalizado.<sup>113</sup>

Antigamente, bastava ao capital produzir mercadorias, o consumo sendo mera consequência. Hoje é preciso produzir os consumidores, ou seja, a própria demanda e essa produção é infinitamente mais custosa do que a das mercadorias. Ao mesmo tempo, o populismo do livre mercado encerra as classes médias nos espaços fechados e protegidos dos *shoppings*. Mas, nada faz pelos pobres, exceto ejetá-los para uma nova e bem tenebrosa paisagem pós-moderna de falta de habitação.<sup>114</sup>

Os meios de comunicação de massa desempenham um papel-chave no mundo de hoje, que se intensificaram ainda mais, graças à Internet. As novas técnicas de comunicação nos aproximaram uns dos outros, dando-nos a consciência de pertencer todos ao mesmo mundo. O planeta, com seus produtos, se apresenta bem perto de nós. Somos dominados por uma avalanche de coisas que caracterizam nossos pensamentos, comportamentos, modas, amizades, viagens e desejos. A mídia faz uso da publicidade não só para “vender” mercadorias, mas também para oferecer política, religião, cultura, sexo, etc. como bens de consumo. “Poder consumir” acaba sendo traduzido como sinônimo de participação, inserção social e até exercício de cidadania.<sup>115</sup>

<sup>113</sup> Cf. TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 206; HUMMES, C. Cardeal. El marco social y eclesial hoy de America Latina: 25 años después de Puebla. *Revista de Cultura Teológica*, ano XII, n. 47, São Paulo, p. 20, abr.-jun./2004.

<sup>114</sup> Cf. BAUDRILLARD, J. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 26-27; HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna...*, p. 79.

<sup>115</sup> Cf. BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido...*, p. 68; TOURAINE, A. op. cit., p. 229; VATTIMO, G. *O fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. S. Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 44; TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 10-11; 416; ; AGOSTINI, N. Condicionamentos e manipulações: desafios morais. In: *O itinerário da fé na “iniciação cristã dos adultos”*. Estudos da CNBB n. 82, São Paulo: Paulus, 2001, p. 105.

### 2.4.2.1.

#### **Mercado, propaganda e manipulação social**

A construção da economia mundial contemporânea orientou-se, desde o início da década de 1970, para um modelo neoliberal, sob a influência do que se chamou de “Consenso de Washington”. A partir de então, os pactos sociais feitos após a guerra entre empregadores, trabalhadores e Estado, que tinham sido conquistados após décadas de lutas sociais, enfraqueceram-se progressivamente. Houve um maior reforço na acumulação do capital. No Terceiro Mundo, o grande projeto de desenvolvimento nacional esgotou-se rapidamente sob o efeito das relações econômicas desiguais entre Norte e Sul. Quanto ao projeto socialista, tal como se realizou na Europa do Leste, desabou sob o peso das pressões exteriores e das próprias contradições. O capitalismo apresenta-se hoje como o único sistema possível, sem alternativas. Ao mesmo tempo, o terceiro milênio começa com uma condição econômica muito pouco brilhante, pois, o número de pobres nunca foi tão grande.<sup>116</sup>

A diminuição das vantagens sociais, a flexibilidade, o desemprego, os baixos salários, os deslocamentos marcaram a dimensão social do fenômeno. Culturalmente falando, a publicidade, em favor de um consumo baseado mais na criação de desejos do que na satisfação das necessidades, completa o conjunto. Nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, a subcontratação em condições desumanas, as relações profundamente desiguais entre capital e trabalho, o peso da dívida, a evasão de divisas, etc., reduzem as possibilidades de uma maior justiça social e permitem uma enorme dominação por parte dos países ricos.<sup>117</sup>

Deparamos com esta realidade no nosso continente latino-americano, onde imensas populações procuram sobreviver em situações de extrema pobreza, vítimas de injustiças sociais, marginalizadas, desempregadas, doentes e inseguras. Já em 1979, a IIIa. Conferência Geral do Episcopado Latino-americano denunciava, profeticamente, que o capitalismo liberal é um sistema marcado pelo pecado e gerador de injustiças (cf. *Conclusões da Conferência de Puebla* n. 92,

---

<sup>116</sup> Cf. HOUTART, F. Amor aos inimigos e lutas sociais. *Concilium*, Petrópolis, fasc. 303, p. 124, 2003/5.

<sup>117</sup> *Ibid.*, p. 124-125.

437 e 546).<sup>118</sup>

O capitalismo, neste modelo neoliberal, educa e seleciona os sujeitos de quem precisa, mediante o processo de sobrevivência econômica do mais apto. O econômico é o centro de tudo, sendo até as pessoas reduzidas a mercadorias. A mecanização toma conta da vida toda. Manipulado e mecanizado, reduzido a consumidor e mero objeto do sistema de produção, o ser humano é levado a procurar incessantemente a satisfação de “necessidades” criadas artificialmente. Possuir mais coisas acaba sendo, cada vez mais, o objetivo da vida humana.<sup>119</sup>

A televisão é ela mesma um produto do capitalismo avançado e, como tal, tem de ser vista no contexto da promoção de uma cultura do consumismo. Isso dirige a nossa atenção para a produção de necessidades, para a mobilização do desejo e da fantasia, para a política da distração como parte do impulso para manter nos mercados de consumo uma demanda capaz de conservar a lucratividade da produção capitalista.<sup>120</sup>

A televisão e a informatização da comunicação não são meios para a massa, a serviço da massa, mas meios da massa, no sentido de que a constitui como tal, como esfera pública do consenso, dos gostos e dos sentimentos comuns. Elas contribuem também para estimular a difusão e o consumo dos mesmos bens materiais e culturais nos diferentes países, criando as condições para uma cultura global de massa, sem fronteiras, que abafa as culturas locais ou regionais.<sup>121</sup>

Os meios de comunicação detêm o poder de criar, “descriar” e (re)criar; de cobrir e descobrir. O poder de manipulação está presente em nosso cotidiano por meio dos inúmeros órgãos de informação que chegam até nossos lares. Há uma

<sup>118</sup> Cf. CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCADO LATINO-AMERICANO. Conclusões da Conferência de Puebla: *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979 (Vale ressaltar porém, que estes mesmos números denunciavam também as incoerências e contradições do marxismo de então); MIRANDA, M. de França, Missão ecumênica na América Latina. *Revista Eclesiástica do Brasil*, Petrópolis, fasc. 253, p. 25, Jan./2004; MOSER, A.; LEERS, B. *Teologia Moral: Impasses e Alternativas*. Coleção Teologia e Libertação. 3. e., Petrópolis: Vozes, 1996, p. 253.

<sup>119</sup> BAZÁN, P. M. Para entender la postmodernidad. Disponível em: <[www.uca.edu.ni](http://www.uca.edu.ni)> Acesso em 20/09/2004.

<sup>120</sup> Cf. HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 12. e., São Paulo: Loyola, 2003, p. 63-64.

<sup>121</sup> Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002)*. 2. e., São Paulo: Paulinas, 1999, n. 143; VATTIMO, G. *O fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. S. Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 44; TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 263.

manipulação do gosto e da opinião mediante imagens que podem ou não ter relação com o produto a ser vendido. Se privássemos a propaganda moderna da referência direta ao dinheiro, ao sexo e ao poder, pouco restaria. Além disso, os espectadores estão expostos a maciços fenômenos de manipulação política, sobretudo onde os meios de comunicação estão concentrados nas mãos de pouquíssimos e faltam condições para a democratização da informação.<sup>122</sup>

#### 2.4.2.2.

#### Ciência, técnica e Pós-Modernidade

A genética é uma área da ciência que está em pleno desenvolvimento. Evidentemente ela está exercendo um impacto revolucionário, sobretudo quando associada à biotecnologia. A astrofísica, a cosmologia moderna e as biociências contam uma nova história do mundo. Já não é nem a tradicional ptolomaica nem a newtoniana. O mundo não é uma máquina que funciona perfeitamente e cujas leis podemos conhecer com objetividade e certeza. Definitivamente, o positivismo e o mecanicismo newtoniano da ciência entraram em crise.<sup>123</sup>

A tecnociência promete para os próximos anos ser, paradoxalmente, ainda mais o lugar da esperança e do temor para a humanidade. As possibilidades que as ciências da informática e da engenharia genética de ponta oferecem são absolutamente inimagináveis. Proporcionam recursos e facilidades inauditas para a vida humana. No campo da preservação da vida, há esperanças fundadas de vitórias definitivas sobre muitas enfermidades e de prolongação significativa da média de vida das pessoas. Porém, a mesma ciência e a mesma tecnologia amontoam, em arsenais gigantescos, armas mortíferas, capazes de destruir a vida no planeta.<sup>124</sup>

<sup>122</sup> Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002)*..., n. 143; TRASFERETTI, J. Teologia moral na Pós-Modernidade: o difícil dilema do agir moral. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade*..., p. 413-414; HARVEY, D. op. cit., p. 259-260

<sup>123</sup> Cf. GIDDENS, A.; PIERSON, C. *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 105; LIBÂNIO, J. B. Desafios da pós-modernidade à teologia fundamental. p. 143-171. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 159; TERRIN, A. N. *Nova Era: a religiosidade do pós-moderno*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 32.

<sup>124</sup> Cf. LIBÂNIO, João Batista. Desafios da pós-modernidade à teologia fundamental. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) op. cit., p. 153.

É significativo o fato de que o desenvolvimento do progresso e da técnica não chegue a melhorar o mundo do ponto de vista moral, mas só do ponto de vista do bem estar material. A decodificação do genoma, por exemplo, que abre esperanças para o futuro, é imediatamente vista sob o aspecto econômico-financeiro. O mesmo se pode dizer do meio ambiente, que é depredado de modo selvagem, alterando seu equilíbrio. A eliminação de certas doenças não significa o fim do risco de novas contaminações e do surgimento de novas enfermidades.<sup>125</sup>

A Pós-Modernidade marca uma reconsideração de tudo o que faz parte do reino da técnica e da racionalidade instrumental. A racionalidade, os conhecimentos, academicamente absorvidos, como enfatizou a Modernidade, tendem a ficar em segundo plano. Agora o que se busca é uma experiência pessoal profunda, numa busca que é também estética.<sup>126</sup>

### 2.4.3.

#### A Pós-Modernidade como modo de ser existencial

Com a Pós-Modernidade, a cultura viu ruir os seus mitos, ideologias, verdades e valores. Reconhece a “impotência do pensamento” e rejeita o conceito da idéia clara e distinta. Na literatura e na pintura, verifica-se uma ênfase ao irracional, ao *non-sense*. A filosofia se traduz em niilismo e relativismo. As ciências sociais entram numa progressiva recusa de qualquer princípio e de qualquer regra sociocultural universalmente aceita. Porém, hoje, esse acúmulo de negatividade caminha para um esforço de reconciliação, recomposição e, também, de resignação que, em sua fachada positiva, se traduz muitas vezes num desejo de paz e de retorno às coisas simples da vida.<sup>127</sup>

O século XX, já desde a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), não ofereceu muitos motivos para confiar na razão humana, no progresso indefinido e em outros

<sup>125</sup> Cf. AGOSTINI, N. *Ética cristã e desafios atuais*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 99; MORI, Geraldo Luiz de, A pós-modernidade e a teologia: desafios e tarefas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA. São Leopoldo, 2004, mimeografado, p. 19.

<sup>126</sup> Cf. TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 202; HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 12. e., São Paulo: Loyola, 2003, p. 78-79.

<sup>127</sup> Cf. TERRIN, A. N. *Nova Era: a religiosidade do pós-moderno*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 10; 46-47; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002)*. 2. e., São Paulo: Paulinas, 1999, n. 141.

ideais da Modernidade, que passaram a ser vistos com forte suspeita. A crise da razão é a consciência da irracionalidade gigantesca dessa mesma razão. O descrédito da verdade é a descoberta da capacidade escandalosa que hoje se tem de mentir. Alimenta-nos de informações uma cadeia imensa de meios de comunicação, cuja capacidade de mentir, manipular e falsificar as verdades escapa totalmente ao nosso controle. Estamos entregues a colossais interesses econômicos e ideológicos, que fabricam os fatos, as “verdades”. Também as ciências, paradoxalmente, passaram a desconfiar da razão, por seu excesso de especializações, numa linguagem hermética.<sup>128</sup>

Dentro desta realidade, a sua relação com a cultura e com o sagrado torna-se a de um mero “comprador”. A religião torna-se um “assunto privado”, na qual se pode escolher o que melhor convier, guiados por suas preferências, determinando a formação de uma religiosidade individual.<sup>129</sup>

O individualismo que grassa na esfera econômica invadiu a esfera religiosa. O horizonte pragmático do cidadão moderno restringiu-se, passando da consideração abrangente do bem comum de sua sociedade para acentuar de preferência ambições e necessidades estritamente individuais. E o aumento de recursos que o progresso outorga aos mais favorecidos do planeta faz com que cada um tenha pressa em usufruir todo o conforto, luxo, contentamento, satisfação, o quanto antes.<sup>130</sup>

Diversos tipos de opções religiosas e múltiplos produtos religiosos são oferecidos dia a dia nos templos e nos meios de comunicação. O consumidor autônomo seleciona determinados temas religiosos do total que têm à disposição, e aí constrói o seu precário sistema de significado “último”, numa religiosidade individualista. Há um fortalecimento do sagrado no espaço público, no contexto de uma Modernidade que se mostra incapaz de resolver os problemas mais profundos do ser humano e não consegue superar as suas próprias contradições e

---

<sup>128</sup> Cf. RUBIO, A. García. Orientações atuais na cristologia. In: MIRANDA, M.F. (Org.). *A pessoa e a mensagem de Jesus*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 39; LIBÂNIO, J. B. Desafios da pós-modernidade à teologia fundamental. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 163.

<sup>129</sup> Cf. LUCKMANN, T. *La religión invisible: el problema de la religión en la sociedad moderna*. Salamanca: Sígueme, 1973, p. 110.

<sup>130</sup> Cf. QUEIRUGA, A. T. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 284.

ambigüidades internas.<sup>131</sup>

### 2.4.3.1.

#### Cultura pós-moderna

Em uma sociedade que nada mais é que um mercado, cada um procura evitar os outros ou se contenta com transações mercantis com eles. O outro aparece facilmente como uma ameaça absoluta: é ele ou eu. Este diferencialismo absoluto, este multiculturalismo sem limites traz em si o racismo e a guerra religiosa. A sociedade é substituída por um campo de batalha entre culturas inteiramente estranhas umas às outras, em que brancos e negros, homens e mulheres, adeptos de uma religião ou de outra, ou mesmo sem religião nada mais são que inimigos. Os conflitos sociais dos séculos passados, que eram sempre limitados, pois suas classes sociais aceitavam os mesmos valores e lutavam por sua execução social, foram substituídos por guerras culturais.<sup>132</sup>

De um lado, cada um se fecha na sua subjetividade, o que conduz no melhor dos casos ao esquecimento do outro, mais amiúde à rejeição do estranho. Por outro lado, os fluxos de mudanças fortalecem constantemente os países e os grupos sociais centrais, aprofundando a dualização a nível nacional e internacional. Por um lado, o mundo parece global; por outro, o multiculturalismo parece sem limites. Enquanto a lei do mercado esmaga sociedades, culturas e movimentos sociais, a obsessão da identidade se fecha numa política arbitrária tão completa que ela não pode se manter senão pela regressão e pelo fanatismo. Hoje, a questão que parece mais urgente não é a gestão do crescimento, mas a da luta contra o despotismo e a violência, da manutenção da tolerância e do reconhecimento do outro.<sup>133</sup>

Dialeticamente, percebe-se hoje uma busca do respeito pela alteridade. Há uma idéia de que todos os grupos têm o direito de falar por si mesmos, com sua

---

<sup>131</sup> Cf. VALLE, E. Condicionamentos psicológicos. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O itinerário da fé na "iniciação cristã dos adultos"...*, p. 80-81; TRASFERETTI, J. Teologia moral na Pós-Modernidade: o difícil dilema do agir moral. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) op. cit., p. 438; LUCKMANN, T. op. cit., p. 114; 116; ORO, A. P. Notas sobre a diversidade e a liberdade religiosa no Brasil atual, *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, fasc. 254, p. 329, abr./2004.

<sup>132</sup> Cf. TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 204.

<sup>133</sup> *Ibid.*, p. 208-209.

própria voz, e de ter aceita essa voz como autêntica e legítima. Há uma busca de abertura à compreensão das diferenças, por meio dos diversos movimentos sociais (mulheres, gays, negros, ecologistas, etc.). Manifestam-se, dessa forma, alguns elementos que estavam sufocados pelas culturas pré-moderna e moderna, como a consciência ecológica, a feminilidade, algumas novas formas de relacionamento e um novo dinamismo nas instituições.<sup>134</sup>

Ao mesmo tempo, há uma busca de um pensamento anti-autoritário e iconoclasta, que insiste na autenticidade de outras vozes, que celebra a diferença, a descentralização e a democratização do gosto, bem como o poder da imaginação sobre a materialidade. Também com a Pós-Modernidade, no âmbito do individual, suscitou-se ou ao menos se avivou um maior apreço pelo corpo, deixando de lado a concepção dicotômica corpo-alma, bem como a revitalização das experiências vitais. Ao mesmo tempo, as atrocidades cometidas contra tantos homens e mulheres ao longo do último século, lembram-nos que existem certos princípios ou verdades dos quais não podemos abrir mão. É o caso da ética dos direitos humanos, presente no discurso e na prática de tantos organismos e instâncias governamentais e não governamentais.<sup>135</sup>

#### **2.4.3.2.**

#### **Subjetivismo e individualismo no contexto contemporâneo**

O peso dado ao processo produtivo, passando pelo crivo da razão técnico-científica, acabou sacrificando elementos vitais do ser humano, deslocando o lugar do gratuito, do afetivo, do simbólico e do espiritual, quando não, excluindo-os sem mais. Ele descobre-se hoje entregue a uma crise, marcada sobretudo por um vazio afetivo e espiritual. Por isso, hoje, busca-se a intensidade afetiva do laço

<sup>134</sup> Cf. HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 12. e., São Paulo: Loyola, 2003, p. 52 e 315; TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: o difícil dilema do agir moral*. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 10-11.

<sup>135</sup> Cf. HARVEY, D. op. cit., p. 319; QUEIRUGA, A. T. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 112; MORI, G. L. *A pós-modernidade e a teologia: desafios e tarefas*. In: *Simpósio Internacional de Teologia*. São Leopoldo, [2004], mimeografado, p. 25.

interpessoal, no entanto, de uma forma descomprometida quanto à durabilidade deste laço.<sup>136</sup>

O ser humano pretensamente livre, autônomo, sujeito de si e da história, percebe-se de fato numa situação extremamente frágil e vulnerável. Ele tem dificuldade de auto-identificar-se. É instável e, por isso, muitas vezes torna-se incapaz de estabelecer relações mais duráveis e de engajar-se por um tempo mais longo. Entrega-se facilmente ao consumismo, muitas vezes como compensação dos vazios existenciais. Fica à mercê das “ondas” do momento, sugeridas sobretudo, pelos meios de comunicação social. Vive um individualismo narcisista. Como na sua vida foram incorporados o videogame e a realidade virtual, importam os efeitos especiais e as experiências “pura adrenalina”.<sup>137</sup>

A razão moderna afirmou a autonomia da liberdade, em busca de uma felicidade individualista. Já na Pós-Modernidade, domina uma subjetividade que não se deixa controlar e se submeter a medidas objetivas. Com o subjetivismo, há uma busca de segurança dentro de si mesmo, na sua experiência pessoal, que eleva a critério de juízo da religião, combinada com a tendência moderna ao individualismo e ao abandono das práticas comunitárias. Por isso, o típico cidadão do mundo contemporâneo está levando uma vida cada vez mais vazia de significado “autêntico” de sentido.<sup>138</sup>

Esse vazio interior manifesta-se como uma desvitalização de estruturas antropológicas típicas do ser humano. Desaparece a perspectiva do futuro ou da utopia. O que importa é viver o presente e desfrutá-lo plenamente, na fugacidade do momento. A historicidade é esvaziada com esta busca do viver só no presente e não em função do passado e do futuro, com uma perda do sentido de continuidade histórica. Com isso, vive-se para si mesmo sem preocupar-se com as suas tradições

<sup>136</sup> Cf. AGOSTINI, N. *Teologia Moral: o que você precisa viver e saber*. 8. e., 2005, p. 29s; LIBÂNIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 2. e., São Paulo: Loyola, 1995, p. 90-91.

<sup>137</sup> Cf. AGOSTINI, N. *Ética cristã e desafios atuais*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 98; TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 221; AGOSTINI, N. Jesus Cristo e a vivência da ética nos dias atuais, In: MIRANDA, M. F. (Org.). *A pessoa e a mensagem de Jesus*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 73-74.

<sup>138</sup> Cf. LIBÂNIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 2. e., São Paulo: Loyola, 1995, p. 115; TERRIN, A. N. *Nova Era: a religiosidade do pós-moderno*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 10; p. 47-48; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002)*..., n. 163; LUCKMANN, T. *La religión invisible: el problema de la religión en la sociedad moderna*. Salamanca: Sígueme, 1973, p. 89.

e sua posteridade.<sup>139</sup>

Desaparece a perspectiva do outro. Não importa o que acontece com os outros e, principalmente, o sofrimento dos outros. Cada um busca o seu bem-estar. A solidariedade banaliza-se em “shows” de arrecadação. As pessoas estão preocupadas com a libertação e o bem-estar do seu eu. Daí resultam o encanto da “self examination”, a difusão das terapias psicológicas, o grande sucesso de todo tipo de gurus. As diferentes práticas psicológicas e espirituais de libertação transcendental e ajuda terapêutica adquirem uma sempre maior importância. As questões do corpo e da psique ocupam um lugar central na preocupação das pessoas.<sup>140</sup>

No entanto, o sonho de “liberdade”, fundado na “razão” moderna, segundo o qual a pessoa seria enfim autônoma, livre, detentora de direitos, esbarrou com uma realidade muito dura. Na verdade, hoje vive-se desprovido do tão falado sonho moderno, pois o mundo da razão, sobretudo na versão técnico-científica, da produção e das invenções, não preenche e realiza o mundo da vida.<sup>141</sup>

O pessimismo e o sentimento de frustração em relação às grandes causas sociais, políticas e mesmo religiosas traduzem-se, para muitos, em atitudes hedonistas e consumistas. Só a vida privada e o cultivo e desenvolvimento das potencialidades do próprio eu é que podem oferecer uma certa realização humana. Desenvolve-se um acentuado subjetivismo pautado, agora, não pela razão, mas pelo sentimento e pela emoção.<sup>142</sup>

É verdade que o homem e a mulher da Pós-Modernidade deixaram de lado a arrogância desenvolvida na Modernidade, mas continuam prisioneiros da subjetividade fechada, com características mais afetivas do que racionais. Encolhidos sobre si mesmos, carentes de esperança num futuro melhor, contentam-

<sup>139</sup>Cf. JUNGES, J. R. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 19-20.

<sup>140</sup> *Ibid.*, 28-29.

<sup>141</sup> Cf. AGOSTINI, N. Condicionamentos e manipulações: desafios morais. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O itinerário da fé na “iniciação cristã dos adultos”*. Estudos da CNBB n. 82, São Paulo: Paulus, 2001.

<sup>142</sup> Cf. RUBIO, A. Garcia “Prática da teologia em novos paradigmas. Adequação aos tempos atuais”. In: ANJOS, M. F. (Org.) *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: SOTER-Loyola, 1997, p. 223s.

se com a pequena felicidade proveniente do cultivo das suas potencialidades no âmbito do privado e do intimismo.<sup>143</sup>

Com outras palavras, nas variantes tanto moderna quanto pós-moderna, o resultado predominante é muito semelhante: o homem e a mulher tornaram-se fechados em si mesmos, vivendo relações de instrumentalização, coisificantes. Tanto na Modernidade quanto na Pós-Modernidade, predomina largamente uma fortíssima orientação para o individualismo que tende a imperar em todos os setores da vida, com fortes doses de subjetivismo e utilitarismo. E isto compromete a vida nas relações fundamentais quer da pessoa com ela mesma e com os outros, quer com a criação e com a transcendência.<sup>144</sup>

As famílias perdem muitas das funções que, tradicionalmente, desempenhavam na estrutura social. Os valores centrados na família passam a ser vistos de forma superficial. A morte e a velhice são esquecidas, deixadas de lado. O indivíduo “autônomo” é jovem e nunca morre.<sup>145</sup>

Existe uma dissolução do eu, que explica a nova ética permissiva e hedonista. Tudo o que é esforço e disciplina está desvalorizado em benefício do culto do desejo e de sua realização imediata. Ao individualismo solipsista corresponde uma compreensão fragmentária da racionalidade. O sujeito se apóia nele mesmo e nas suas relações interpessoais, centrado sobre si mesmo, preocupado em realizar-se. Vivemos hoje numa sociedade em que os indivíduos e grupos constantemente fazem valer seus direitos contra os outros, sem querer reconhecer para si próprios dever algum.<sup>146</sup>

<sup>143</sup> Cf. RUBIO, A. Garcia. “O cristianismo: uma religião de sofrimento e morte?”, *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, n.2, p. 43, 1998.

<sup>144</sup> Ibid., p. 43-44; HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 12. e., São Paulo: Loyola, 2003, p. 74.

<sup>145</sup> Cf. LUCKMANN, T. *La religión invisible: el problema de la religión en la sociedad moderna*. Salamanca: Sígueme, 1973, p. 125.

<sup>146</sup> Cf. JUNGES, J. R. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 21; GALIMBERTI, U. *Rastros do sagrado: temas fundamentais de ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 123-124; TOURAINÉ, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 278; KÜNG, H. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 180.

#### 2.4.4.

#### Religiosidade e compromisso

A nova religiosidade é ingênua, narcisista, sem uma vivência do amor, da doação, da abertura para o outro. Expressa a cultura do nosso tempo pós-moderno, trazendo de si também as angústias e as necessidades próprias deste momento. A religião tornou-se intimista, já não sendo mais fato fundamental a convivência social. As pessoas sentem sempre menos a necessidade de “fazer parte de” instituições, pois em geral, não querem estar sujeitas a se submeter a juízos “oficiais”. No entanto, a solidão é uma verdadeira praga da vida moderna.<sup>147</sup>

O mundo dos magos prospera hoje mais do que nunca. Na época da ciência e da crise da ciência, desenvolvem-se cada vez mais técnicas ocultas mágico-religiosas, que fazem concorrência ao mundo científico e se situam como alternativas a este. Trata-se de um mundo que é proposto por pura curiosidade, na tentativa de agarrar uma realidade sem haver o verdadeiro contexto que legitime o ritual, isto é, a experiência religiosa verdadeira.<sup>148</sup>

Novos movimentos religiosos despontam com os caracteres bem modernos da subjetividade. Configuram-se como “comunidades emocionais”. A intensidade emocional é a mola de adesão, através de resposta individual, livre, em torno, em geral, de um personagem “carismático”, que consegue causar impacto. Por isso, predomina uma dimensão carismática e a adesão à comunidade eclesial tem menos importância. Há uma enorme porosidade: entra-se e sai-se dos grupos facilmente. Em geral, são comunidades de acentuada rotatividade. A permanência nos grupos não se dá tanto pela presença das mesmas pessoas, quanto pelos encontros emocionais dos que lá aparecem.<sup>149</sup>

As expressões mais presentes na realidade atual são as diferentes práticas que se identificam com a Nova Era e o Neopentecostalismo. Essas vertentes da vivência religiosa atual, mesmo sendo propostas diferentes, têm duas notas

---

<sup>147</sup> Cf. TERRIN, A. N. *Nova Era: a religiosidade do pós-moderno*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 40; LIBÂNIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 2. e., São Paulo: Loyola, 1995, p. 140; PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA; PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Jesus Cristo, portador da água viva...*, p. 9-10.

<sup>148</sup> Cf. TERRIN, A. N. op. cit., p. 123-124.

<sup>149</sup> Cf. LIBÂNIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 2. e., São Paulo: Loyola, 1995, p. 90.

comuns: o apelo ao emocional e a anti-institucionalidade. Isso determina uma grande mobilidade religiosa porque não existe uma adesão absoluta a um corpo doutrinal. Não existe a necessidade de uma mediação institucional. A permanência depende das soluções encontradas no mercado de oferta religiosa. Porém, a Nova Era propõe uma ética eclética, leve e universalista, inspirada na gnose. Já o Pentecostalismo, ao contrário, constrói uma ética fundamentalista, rigorista e sectária, inspirada na Bíblia. São duas respostas diversas num contexto cultural de Pós-Modernidade.<sup>150</sup>

O despertar religioso, em todas as diferentes formas a que hoje assistimos é tão-somente um sintoma da inquietude da pessoa humana que, criada na visão da técnica como projeto de salvação percebe, à sombra do progresso, a possibilidade de destruição e, à sombra da expansão técnica, a possibilidade de extinção. Mas, a volta das religiões não acarreta nenhum revigoramento de influência das Igrejas. Estas continuam a declinar tão rapidamente quanto os partidos ideológicos que agitavam a bandeira da racionalidade modernizadora e anti-religiosa. Não anuncia necessariamente a volta ao sagrado e às crenças propriamente religiosas, porque a secularização está profundamente instalada. Ligado à tendência moderna para o individualismo, há uma redução da religião a uma convicção interior, pessoal, a uma religião “invisível”, que abandona totalmente ou em parte as práticas comunitárias. O surgimento das seitas se dá em função deste processo de discernimento.<sup>151</sup>

Já em relação ao fundamentalismo, trata-se do fenômeno do tradicionalismo travando uma luta feroz contra um mundo cosmopolita e reflexivo que está à procura de razões. A recusa ao diálogo, a insistência em afirmar que somente é possível uma visão do mundo e que já se possui essa visão, tem efeito potencialmente nocivo num mundo que necessita cada vez mais de diálogo. O

<sup>150</sup> Cf. JUNGES, J. R., *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 28.

<sup>151</sup> Cf. TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 225; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002)*. 2. e., São Paulo: Paulinas, 1999, n. 156; AGOSTINI, N. *Teologia Moral: o que você precisa viver e saber*. 8. e., Petrópolis: Vozes, 2005, p.21s; GALIMBERTI, U. *Rastros do sagrado: o cristianismo e a dessacralização do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 37 e 269; PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA; PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Jesus Cristo, portador da água viva: uma reflexão cristã sobre a Nova Era*. São Paulo: Paulinas, p. 9-66.

fundamentalismo conscientemente se opõe à Modernidade e à Pós-Modernidade, mas ao mesmo tempo assume feições modernas e não raro se utiliza de tecnologias modernas. Questiona o princípio da ciência de que “nada é sagrado” e está certo em agir assim. Pois esta idéia, quando levada ao extremo, torna-se insustentável. Porém, não se pode tentar justificar por meio de um tradicionalismo não dialogante. E é isso que o fundamentalismo procura fazer.<sup>152</sup>

Concluindo, o pós-moderno busca uma fé nutrida de sensações e sentimentos. A mística é a da interioridade e de sintonia com o cosmos. Chegamos a uma religiosidade que não compromete, extremamente cômoda, mais ligada a envolvimento emocional, distante da Igreja-Instituição, carente de confiança em seus líderes. A emergência da Pós-Modernidade suscita para a teologia questões relativas ao seu escopo fundamental: o sentido último da vida, especialmente do ser humano. Por isso, a teologia tem necessidade de repensar Deus em termos mais significativos para a pessoa e o fiel de hoje.<sup>153</sup>

## 2.4.5

### Conclusão

A Pós-Modernidade inicia o seu desenvolvimento, sobretudo, após a Segunda Grande Guerra, com um capitalismo de monopólios. Na atualidade, o capitalismo se desenvolve mais em função das técnicas de marketing, associada às inovações tecnológicas eletrônicas. A globalização da economia é acompanhada por uma globalização da tecnologia, sobretudo da tecnologia de informação.

Predomina, muitas vezes, a valorização de uma realidade virtual, criada por simulação. Isto é evidente nos jogos eletrônicos de computador, por exemplo. Ao mesmo tempo, o advento das tecnologias dos computadores tem revolucionado os modos de produção de conhecimento, distribuição e consumo em nossos países,

<sup>152</sup> Cf. GIDDENS, A.; PIERSON, C. *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 96-98.

<sup>153</sup> Cf. HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 12. e., São Paulo: Loyola, 2003, p. 78-79; AGOSTINI, N. Jesus Cristo e a vivência da ética nos dias atuais. In: MIRANDA, M. F. (Org.). *A pessoa e a mensagem de Jesus*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 73-74; TOURAINE, A. op. cit., p. 67; TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 12; TERRIN, A. N. *Nova Era: a religiosidade do pós-moderno*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 102.

sendo uma força dominante em todos os aspectos da vida social. Qualquer coisa que não seja capaz de ser transferida para o computador, não digitável, poderá deixar de ser conhecimento num futuro próximo.

O sistema técnico a partir do final do século XX se desenvolveu na linha da eletrônica, das biotecnologias, dos novos materiais, do domínio da energia, constituindo-se na grande era da informática. Ao mesmo tempo, numa oposição meramente formal à padronização e massificação, provocou-se uma exaltação da subjetividade, da paixão, da singularidade, da autenticidade, do efêmero, da irrupção de uma pretensa “personalização”. Porém, o mundo das técnicas e das ciências, da produção e das invenções, não está preenchendo e realizando o mundo da vida. Sentimo-nos dilacerados ante o espectro das mortes prematuras, da condição dos deficientes físicos e mentais, da crueza de solidões vividas, do esquecimento no qual são confinadas pessoas, sobretudo idosas.

A Pós-Modernidade vive no instante, perdendo a consciência da importância da memória e não acreditando mais num progresso na consciência da liberdade ou num porvir reconciliado. Isso leva à passagem da cultura dos direitos do homem à cultura do homem dos direitos, dos quais o mais reivindicado é o do prazer, enquanto fonte e base da felicidade, e substituto da virtude. Como reação à Modernidade, age quase sempre no nível dos sentimentos, dos instintos e das emoções.

A grande arte do mundo de hoje é criar relações que não nasçam da autarquia do eu, mas da responsabilidade pelo outro. No campo da preservação da vida, há esperanças fundadas de vitórias definitivas sobre muitas enfermidades e de prolongação significativa da média de vida das pessoas. Ao mesmo tempo, no âmbito do individual suscitou-se, ou ao menos, avivou-se, a revalorização do pequeno, a tolerância para com o diferente, a desabsolutização do estabelecido, o novo apreço do corpo, a revitalização da experiência.

Contudo, o individualismo do sujeito autônomo desembocou num individualismo do eu narcísico. O segundo corresponde à desintegração do primeiro. Se o sujeito autônomo significou a afirmação da identidade e da independência, o sujeito narcísico aponta para a perda da identidade e da auto-suficiência. Vive-se a fugacidade do momento. No âmbito psicológico, existe uma forte emergência da subjetividade através da redescoberta da chave afetiva,

tomando a descoberto as questões do coração. Hoje, as questões do corpo e da psique ocupam um lugar central na preocupação das pessoas. O feminismo promove a libertação da mulher da tutela masculina e a emergência social da identidade feminina, fenômeno que aponta para uma redefinição da própria identidade masculina com relação aos seus papéis.

A atual visibilidade midiática da religião, a irrupção de novos movimentos religiosos, o sucesso da literatura esotérica, etc., são interpretados como um fortalecimento do sagrado no espaço público, no contexto de uma Modernidade que se mostra incapaz de resolver os problemas mais profundos do ser humano e não consegue superar as suas próprias contradições e ambigüidades internas. Contudo, a nova religiosidade tende a ser ingênua e narcisista, sem uma vivência do amor, da doação, da abertura para o outro. O mundo dos magos prospera hoje mais do que nunca: na época da ciência e da crise da ciência, desenvolvem-se cada vez mais técnicas mágico-religiosas que fazem concorrência ao mundo científico e se situam como alternativa a este.

Vivemos de um lado, num mundo da produção, da instrumentalidade, da eficácia e do mercado; do outro, o da crítica social e da defesa de valores ou de instituições que resistem à intervenção da sociedade. Hoje, a questão que parece mais urgente não é a gestão do crescimento, mas a da luta contra o despotismo e a violência, da manutenção da tolerância e do reconhecimento do outro. Pois, cada um se fecha na sua subjetividade, o que conduz no melhor dos casos ao esquecimento do outro, mais amiúde à rejeição do estranho. Por outro lado, nenhum ser humano, vivendo no Ocidente escapa desta angústia da manipulação da propaganda e da publicidade, da degradação da sociedade em multidão e do amor em um simples prazer momentâneo.

## 2.5.

### A crise dos modelos éticos convencionais e da Moral

#### 2.5.1.

##### Introdução

Vivemos num tempo de indeterminação, onde a ética tornou-se provisória. Trata-se de uma transição de época expressa por uma “crise ética” que se faz sentir pela acentuada pluralidade de idéias e comportamentos no campo moral, pela perda de referenciais comuns, pela confusão de valores, bem como pela globalização do paradigma neoliberal, que se vai impondo como se fosse a única alternativa viável. Acrescenta-se a isso, uma imensa dificuldade para se responder satisfatoriamente às novas questões que vão surgindo, como, por exemplo, no âmbito da bioética, ou ainda a reformulação da resposta de antigos problemas morais. No campo específico da moral proposta pelo Magistério da Igreja, o quadro tem-se agravado com a moral do “faz de conta”, sinal de divórcio entre a prática vivida por católicos e o ensinamento magisterial. Está aí o decidir por conta própria, sem considerar a postura da Igreja, e a indiferença, mais do que a oposição, diante da moral proposta pelo Magistério.<sup>154</sup>

A sociedade tornou-se menos regida por instituições que se baseiam no direito e na moral que pelas exigências da concorrência econômica, pelos programas de políticas públicas ou pelas campanhas de publicidade. O maior escândalo da nossa época é que, apesar da disponibilidade de grandes recursos econômicos e tecnológicos, persistam a concentração de uma enorme riqueza nas mãos de poucos e a insensibilidade ética e a falta de vontade política de acabar com a fome, de prevenir as doenças comuns, de alfabetizar e educar a todos. Ao mesmo tempo, como analfabetos emotivos, assistimos hoje a milhões de trucidados

---

<sup>154</sup> Cf. ROCHA, S. Teologia moral em diálogo na Pós-Modernidade. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 304; BAZÁN, P. M. Para entender la postmodernidad. Disponível em , internet, [www.uca.edu.ni](http://www.uca.edu.ni), 2004, 6 p; JUNGES, J. R. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 23.

nos conflitos locais espalhados pelo mundo e outros milhões de nossos semelhantes que todo ano morrem de fome e doenças das mais comuns.<sup>155</sup>

Anestesiados, nem sempre toca-nos a fundo o espectro das mortes prematuras, da condição dos deficientes físicos e mentais, da crueza de solidões vividas, do esquecimento no qual são confinadas pessoas, sobretudo idosas. Acrescentam-se aí formas variadas de racismo, a crueza da fome, a ausência de diálogo, as ameaças ao planeta em seu equilíbrio ecológico, as guerras de toda sorte.<sup>156</sup>

## 2.5.2.

### Moral autônoma e ética individualista

O homem pós-moderno pensa que como ser livre, deve obedecer somente a si mesmo e à lei que autonomamente se dá, porque toda heteronomia ética é um atentado à sua soberania. Ele encarna a moral autônoma da vontade de poder do “super homem”, prognosticada por Nietzsche, não trazendo em si nenhuma ferida original que enfraqueça sua relação com o bem e a verdade. Dessa forma, age não orientado pelo bem mas simplesmente pela vontade. A conquista da liberdade não é mais a busca de plenitude de vida ética para si e para a sociedade, mas a própria autonomia. A liberdade do indivíduo se expressa como uma forma de obediência a si mesmo, não sendo acompanhada de uma responsabilidade pelo bem comum ou por uma doutrina política baseada no princípio da utilidade.<sup>157</sup>

A sociedade moderna não vive somente de valores produzidos por ela própria, como também destrói os valores de que tem absoluta necessidade. E os valores básicos da sociedade moderna, como a liberdade, a dignidade e os direitos humanos, estão sendo dissolvidos. De um lado, há um individualismo incentivado por um capitalismo sem barreiras que destrói o valor básico da solidariedade e da justiça. Por outro lado, a ciência moderna muitas vezes usa do seu método formal-

<sup>155</sup> Cf. TOURAINE, A. *Crítica da Modernidade*. 6. e., Petrópolis: Vozes, 1999, p. 392; GALIMBERTI, U. *Rastros do sagrado: o cristianismo e a dessacralização do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 379; PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA; PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Jesus Cristo, portador da água viva...*, n. 39.

<sup>156</sup> Cf. AGOSTINI, N. *Ética cristã e desafios atuais*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 117.

<sup>157</sup> Cf. MORI, G. L. *A pós-modernidade e a teologia: desafios e tarefas*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA. São Leopoldo, 2004, mimeografado, p. 16.

funcional para a autodestruição do próprio ser humano.<sup>158</sup>

A liberdade de se tratar certos temas, a possibilidade de mudanças radicais, as descobertas científicas no campo da bioética, da sexualidade ou do matrimônio têm revolucionado o comportamento humano neste começo de século. Hoje, há uma dissolução de qualquer moral tradicional e convicção religiosa considerada arbitrária, com um estilo de vida *light, soft* proporcionado pela *new age*. Por outro lado, há uma uniformidade consumista, uma “macdonalização” (*McDonalization*) dos costumes e dos estilos de vida.<sup>159</sup>

A cultura hedonista separa a sexualidade de qualquer norma moral objetiva, reduzindo-a frequentemente ao nível de objeto de diversão e consumo, e favorecendo, com a cumplicidade dos meios de comunicação social, uma espécie de idolatria do instinto. O materialismo exagerado, ávido de riquezas, não tem qualquer atenção pelas exigências e sofrimentos dos mais fracos, nem consideração pelo próprio equilíbrio dos recursos naturais. Na nossa época, incentivada por uma cultura utilitarista e tecnocrática, tende-se a avaliar a importância das coisas e também das pessoas sobre a base da sua “funcionalidade” imediata.<sup>160</sup>

A perspectiva pós-moderna identifica o ser feliz com toda forma de prazer, com a liberação e a satisfação do desejo, com a fuga do sofrimento. A dimensão ética e espiritual da felicidade é subordinada à dimensão sensível e psíquica. O desejo torna-se o único parâmetro essencialmente real e produtor de realidade. Isso leva à passagem da cultura dos direitos do homem à cultura do homem dos direitos, dos quais o mais reivindicado é o do prazer, enquanto fonte e base da felicidade, e substituto da virtude. Todo prazer possível é legítimo, pelo fato de que possa ser experimentado e não porque seja moralmente bom.<sup>161</sup>

A sociedade de hoje organiza o processo de produção e toda a vida social em

<sup>158</sup> Cf. SIEBENROCK, R. A., Europa: uma abordagem. *Revista Concilium*, Petrópolis, n. 305, p. 21-22, 2004/2.

<sup>159</sup> Cf. LÓPEZ, P. L. Old and new globalization. In: BLANCHETTE, O.; IMAMICH, T.; McLEAN, G. F. *Philosophical challenges and opportunities of globalization: the council for research in values and philosophy*. 2001, Vol. I, p. 41; TRASFERETTI, J. Teologia moral na Pós-Modernidade: o difícil dilema do agir moral. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 435.

<sup>160</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Vita Consecrata”*. Documentos Pontifícios n. 147, 4. e., São Paulo: Paulinas, 2004, n. 88; 89 e 104.

<sup>161</sup> Cf. MORI, G. L. *A pós-modernidade e a teologia: desafios e tarefas*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA. São Leopoldo, 2004, mimeografado, p. 17.

função de uma ética individualista que não responde aos anseios de uma vida socializada. A existência das contradições entre riqueza - pobreza e avanços tecnológicos - exclusão social gera um escândalo moral jamais visto. A ética do sucesso continua reinando em muitas mentalidades e ações sociais. O mais importante é levar vantagem em tudo. Não importam os graves problemas sociais, a crise ambiental, as desigualdades regionais, o acúmulo de capital, a violência, o preconceito social e tantos outros males que afetam os seres vivos. Essa crise social também se manifesta na política, através da corrupção, do clientelismo, do autoritarismo, do oportunismo e de tantas outras práticas de abuso de poder e ganância irresponsável.<sup>162</sup>

Trata-se de uma realidade que desvaloriza o ideal da abnegação e os valores sacrificiais e estimula os desejos imediatos, a paixão do ego, a felicidade intimista e materialista. Dessa forma, nossa sociedade é paradoxal. Por um lado, aprofundam-se o individualismo e o particularismo, desembocando no escândalo moral de uma sociedade das mais iníquas da história contemporânea. Mas, por outro, há avanços na consciência e na defesa dos direitos que efetivam a dignidade humana.<sup>163</sup>

### 2.5.3.

#### **Globalização, consumismo, desequilíbrio ecológico e injustiças sociais**

Globalização da economia é o processo através do qual, em consequência do dinamismo do comércio de bens e serviços e dos movimentos de capital e tecnologia, os mercados e a produção nos diferentes países se tornam sempre mais dependentes uns dos outros. Ela é acompanhada, portanto, por uma globalização da tecnologia, sobretudo da tecnologia de informação. Nesta fase pós-moderna, está em curso a globalização neoliberal, que a tudo quer abarcar e em tudo quer

<sup>162</sup> Cf. TRASFERETTI, J. Teologia moral na Pós-Modernidade: o difícil dilema do agir moral. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 408.

<sup>163</sup> Cf. JUNGES, J. R. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 25; OLIVEIRA, M. A. *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 47; TRASFERETTI, J. Teologia moral na Pós-Modernidade: o difícil dilema do agir moral. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) op. cit., p. 409.

imprimir o seu selo. A lógica do mercado se afirma erigindo-o em paradigma do comportamento humano e de toda a vida social.<sup>164</sup>

Telefax, comunicação via satélite, fluxo global de dados, *WorldWideWeb* e bolsa de valores eletrônica, bem como o enorme barateamento do transporte de informações, mercadorias e pessoas, demonstram a transição da economia nacional para a economia global numa velocidade estonteante, jamais observada antes. Mercado e produção, bem como capital e tecnologia conhecem cada vez menos fronteiras. Não só o comércio, como também as empresas e seus produtos se tornam, a cada dia, mais globais, numa concorrência até hoje desconhecida. A globalização e a informatização da economia causaram um gigantesco impacto sobre a sociedade, gerando, por um lado, a elitização de pequenos grupos, detentores do poder, por outro lado, uma enorme população excluída. Trata-se de um processo de desenvolvimento desigual que fragmenta e introduz novas formas de dependência mundial.<sup>165</sup>

O consumismo não é apenas um excesso de consumo de bens materiais ou imateriais, muitas vezes totalmente desnecessários e dispensáveis. É também uma mentalidade que nasce no seio de uma civilização dominada pela técnica, torna-se seu motor e penetra no íntimo da vida de muitos e no costume coletivo. Procura forjar as pessoas de tal maneira que se deixem seduzir por uma busca insaciável do novo, do sonho, do desejo, de tal forma que o prazer e a felicidade estão sempre além do alcançado, caindo numa escravização do desejo.<sup>166</sup>

A indústria liberal de bens de consumo e lazer, com uma propaganda persuasiva e persistente, desenvolveu e desfigurou as necessidades básicas do ser humano. Nesta dinâmica, muitos se perdem no imediatismo do consumo, mais preocupados em “ter mais” prazer, do que “ser mais” gente. Ao lado desta hipervalorização dos prazeres que estão ao alcance das mãos de quem tem dinheiro, uma imensa maioria vive com fome, sem moradia decente, sem

<sup>164</sup> Cf. KÜNG, H. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 279; ROCHA, Sérgio da. Teologia moral em diálogo na Pós-Modernidade. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.). op. cit., p. 313.

<sup>165</sup> Cf. KÜNG, H., op. cit., p. 280; GIDDENS, A. *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991, p. 173-174; SOUZA, N. Evolução histórica para uma análise da pós-modernidade. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.). op. cit., p. 138-139.

<sup>166</sup> Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002)*. 2. e., São Paulo: Paulinas, 1999, n. 138.

dignidade, incapazes de alcançar um mínimo de satisfação existencial. Dessa forma, a pobreza do mundo de hoje é um largo mar de necessidades insatisfeitas em redor de uma pequena ilha de consumo exagerado e descontrolado.<sup>167</sup>

As ameaças ecológicas resultam do impacto do industrialismo crescente sobre o meio ambiente material. Fazem parte de um novo perfil de risco introduzido pelo advento da Modernidade, característico da vida social de hoje. A produção, já delimitada pelo que era útil e eficiente, passou a nortear-se pela busca da lucratividade sem limite, num acúmulo de bens capitalizados, com a conseqüente depredação da natureza e submissão do ser humano, quando não, simplesmente a exclusão deste.<sup>168</sup>

A simples quantidade de riscos sérios ligados à natureza é bem assustadora: a radiação a partir de acidentes graves em usinas nucleares ou do lixo atômico; a poluição química nos mares suficiente para destruir o plâncton que renova uma boa parte do oxigênio da atmosfera; um “efeito estufa” derivante dos poluentes atmosféricos que atacam a camada de ozônio, derretendo parte das calotas polares e inundando vastas áreas; a destruição de grandes áreas de floresta tropical que são uma fonte básica de oxigênio renovável; e a exaustão das terras férteis como resultado do uso intensivo de fertilizantes artificiais.<sup>169</sup>

No mundo globalizado de hoje, a pobreza apresenta novos aspectos, principalmente a exclusão de categorias inteiras de pessoas e até mesmo nações. Talvez o maior flagelo social hoje seja o desemprego estrutural, trazido pela globalização. Porém, a Igreja não pode aceitar que haja pessoas e nações inteiras excluídas. Ela não pode aceitar a fome de tantos milhões, o crescimento da miséria junto à indiferença dos povos ricos e desenvolvidos, que estão mais preocupados com a concorrência comercial internacional do que com a solidariedade.<sup>170</sup>

<sup>167</sup> Cf. MOSER, A.; LEERS, B. *Teologia Moral: Impasses e Alternativas*. Coleção Teologia e Libertação. 3. e., Petrópolis: Vozes, 1996, p. 244.

<sup>168</sup> Cf. GIDDENS, A. *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991, p. 111-112; AGOSTINI, N. *Ética cristã e desafios atuais*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 97.

<sup>169</sup> Cf. GIDDENS, A. op. cit., p. 129.

<sup>170</sup> Cf. HUMMES, C. Cardeal. El marco social y eclesial hoy de America Latina: 25 años después de Puebla. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano XII, n. 47, p. 28, abr.-jun./2004.

#### 2.5.4.

##### Provisoriedade e efêmero

O pensamento pós-moderno entende a si mesmo como um processo de libertação do uno, do imutável e do eterno para a diferença, a pluralidade, a mudança e o contingente. Tudo se torna provisório, porque nossos esquemas são estruturalmente instáveis e mutáveis. Tudo é considerado como produto do tempo e do acaso. A contingência é o princípio do pensar, de modo que vivemos num mundo ciente de que não há estruturas sólidas e essenciais. Dessa forma, o pensamento das essências cede lugar ao pensamento de uma estratégia inteligente para lidar com a contingência. O provisório, o efêmero, o fútil e o temporário tornaram-se mais expressivos que o eterno, o imutável, o integrado, o harmônico e o sublime.<sup>171</sup>

No clima cultural de Pós-Modernidade, o ritmo das mudanças e o caráter efêmero das contínuas novidades tornaram-se exasperados. Este fenômeno é facilitado pelo novo poder dos meios de informação, que permitem a comunicação instantânea com qualquer parte do mundo e induzem à tomada de decisões imediatas e emocionais, não refletidas e não amadurecidas. Em consequência, as pessoas são levadas a considerar como provisórias e passageiras todas as atitudes e encontram dificuldade em aceitar um compromisso estável e definitivo, inclusive no matrimônio, na vida consagrada e sacerdotal.<sup>172</sup>

A Pós-Modernidade enfatiza a efemeridade, tende a inclinar-se para a desconstrução que beira o niilismo e prefere a estética, em vez da ética. É difícil manter qualquer sentido de continuidade histórica diante de todo o fluxo e efemeridade. Agora, tanto a vida como o mundo tornaram-se perecíveis, mortais, fúteis. O fato mais espantoso está na sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico. Ela vagueia nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse. Remonta a

---

<sup>171</sup> Cf. OLIVEIRA, M. A. Pós-Modernidade: abordagem filosófica. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 24; 42-43; BENEDETTI, L. R. Pós-modernidade: abordagem sociológica. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) op. cit., p. 69.

<sup>172</sup> Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002)*. 2. e., São Paulo: Paulinas, 1999. n. 144.

Nietzsche em particular, que enfatiza o profundo caos da vida moderna e a impossibilidade de lidar com ele por meio do pensamento racional.<sup>173</sup>

Hoje, acentua-se a volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias e ideologias, valores e práticas estabelecidas. A sensação de que “tudo o que é sólido desmancha no ar” raramente foi mais persuasiva. Vivemos a dinâmica de uma sociedade do descartável que significa mais do que jogar fora bens produzidos, criando um monumental problema sobre o que fazer com o lixo, mas também ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis entre as pessoas e modos adquiridos de ser e de agir.<sup>174</sup>

### 2.5.5.

#### Pluralismo ético e liberdade individual

Vivemos numa sociedade caracterizada pelo pluralismo, que permite diversas interpretações simultâneas, concorrentes ou complementares, em nítido confronto com a visão unitária das religiões ou totalitária das ideologias. Há uma tentação de dizer que cada um tem a sua verdade e de que ninguém tem direito de dizer que a sua seja verdadeira. Trata-se de uma consciência ética desorientada, numa crise em torno da verdade. E a medida de referência tende a ser o próprio indivíduo.<sup>175</sup>

A pessoa humana cresce num mundo em que não há mais valores comuns, que determinam o agir nas diferentes áreas da vida, nem uma realidade única, idêntica para todos. Há um determinado número de morais, distribuído entre diversas comunidades de vida e de convicção. Porém, isto não significa que as pessoas não orientem mais o seu agir e a sua conduta de vida segundo valores

<sup>173</sup> Cf. HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 12. e., São Paulo: Loyola, p. 49; 111-112; 273; ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. 5. e., São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 108.

<sup>174</sup> Cf. HARVEY, D. op. cit., p. 258-259.

<sup>175</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Carta encíclica “Fides et ratio”*. Documentos pontifícios 275. Petrópolis: Vozes, 1998, n. 98; Id., *Carta encíclica “Veritatis splendor”*. 2. e. São Paulo: Paulinas, 1993, n. 32; LIBÂNIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 2. e., São Paulo: Loyola, 1995, p. 146; HUMMES, C. El marco social y eclesial hoy de America Latina: 25 años después de Puebla, *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano XII, n. 47, p. 21, abr.-jun./2004; AGOSTINI, N. Jesus Cristo e a vivência da ética nos dias atuais. In: MIRANDA, M. F. (Org.). *A pessoa e a mensagem de Jesus*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 69.

supra-ordenados, que imperam em suas comunidades. Mesmo aqueles que agem “imoralmente” vão pautar-se pela moral em vigor, procurando esconder ou desculpar suas infrações às normas. Seja como for, a pessoa de hoje, nem sempre consegue ter certeza de que aquilo que julga bom e justo também seja assim considerado pelos outros. Aliás, ela mesmo nem sempre sabe o que é bom e justo para si próprio.<sup>176</sup>

Diante do pluralismo moderno há duas reações extremas e contraditórias: a atitude rigorista, que pretende reconquistar a sociedade toda para os valores e tradições antigos. Por outro lado, a atitude laxista, que desiste de afirmar quaisquer valores e reservas de sentido. As duas reações são errôneas e podem, além do mais, tornarem-se perigosas. Na sua forma radical, a atitude rigorista pode levar à autodestruição ou à destruição do outro.<sup>177</sup>

Mas a atitude laxista, relativista, é inconsistente em si mesma. Uma pessoa para a qual tudo é válido, já não é capaz de um agir coerente e responsável. Ela não poderia aduzir razões por que se decidiu assim e não de outro modo. O seu comportamento pareceria totalmente arbitrário e ninguém poderia confiar se no momento seguinte já não mudaria seu caráter. Por isso, o indivíduo não mais responsável por suas ações também não poderia manter uma relação social com obrigações. Perde-se assim o mínimo de confiança mútua que se pressupõe para a existência na comunidade e na sociedade.<sup>178</sup>

A sociedade de hoje valoriza a liberdade individual e incentiva o indivíduo a buscar os critérios do seu comportamento a partir de si mesmo, da sua razão e liberdade, assumindo uma atitude autônoma e crítica face aos valores tradicionais. Os conceitos morais dos tempos modernos estão adaptados ao reconhecimento da liberdade subjetiva da pessoa humana. Fundam-se, por um lado, no direito do indivíduo de discernir como válido o que ele deve fazer. Por outro lado, fundam-se na exigência de que cada um persiga os fins do bem-estar particular em consonância com o bem-estar de todos os outros. A vontade subjetiva ganha

---

<sup>176</sup> Cf. BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 39; 87.

<sup>177</sup> *Ibid.*, p. 79.

<sup>178</sup> *Idem*, p. 79-80.

autonomia em relação às leis universais.<sup>179</sup>

## 2.5.6.

### Relativismo e crise de orientação

Vivemos hoje uma crise de sentido que afeta toda a estrutura humana. Trata-se de uma crise profunda, séria e complexa. As mudanças rápidas e profundas dos valores que norteiam nossa ação social têm permeado nossos comportamentos, impondo um ritmo de vida jamais visto. O ser humano está ficando isolado, descrente de tudo, caminha vazio pelas esquinas do mundo. Ele busca geralmente, em sua caminhada, sua satisfação pessoal de uma forma exclusiva. De um lado, o centro de suas ações está na busca de auto-realização, felicidade consumista e prazer desmesurado. De outro, vive num desencanto, num desinteresse, numa apatia, até mesmo diante do mundo da política, já que ela converteu-se em espetáculo e, não raro, em farsa, em representação teatral.<sup>180</sup>

Há uma dificuldade bastante generalizada das novas gerações de assumir compromissos duradouros. Tudo é provisório e se está sempre às espera de algo novo. Não interessa adquirir alguma coisa para toda a vida. Menos ainda condiz com a mentalidade atual assumir um compromisso para sempre. Respira-se uma moral provisória, sem nada estável e definitivo. Uma sensibilidade que dá primazia ao sentimento, à afetividade e ao prazer, rendendo culto ao corpo. Importa viver o presente! Ao dizer isso, atrofia-se a memória, caindo-se numa crise de identidade das utopias e dos ideais, sem os quais o futuro fica comprometido. Nesta situação, muitas vezes, há um desestímulo ou dificuldade para se realizar uma opção fundamental na vida.<sup>181</sup>

Assistimos hoje a uma forte contribuição de dois fenômenos de nossa

<sup>179</sup> Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1999-2002)*. 2. e., São Paulo: Paulinas, 1999, n. 179; HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1998, p. 27-28.

<sup>180</sup> Cf. TRASFERETTI, J. Teologia moral na Pós-Modernidade: o difícil dilema do agir moral. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 407-408; HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 12. e., São Paulo: Loyola, p. 73.

<sup>181</sup> Cf. GASTALDI, I. *Educar e evangelizar na pós-modernidade*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1994, p. 69-70; HARVEY, D. op. cit., p. 79.

Modernidade: o enfraquecimento do sentido do pecado e a força e a influência dos Meios de Comunicação Social na vida das pessoas que ditam novos modos de agir. O fenômeno mais grave, na atualidade, é a a-moralidade, a perda do sentido ético. O a-moralismo remete ao nosso tipo de civilização ocidental, dominada pelo consumismo e pelo “homem-massa”. A massificação fez decair os valores morais, com uma perda de identidade pessoal. Um outro aspecto é a deterioração das relações humanas. Só se pensa em produzir e consumir. A perda moral reside, sem dúvida, na crescente indiferença em relação à vida alheia, seja de animais ou de pessoas, mesmo que seja na forma de embriões.<sup>182</sup>

O homem e a mulher da Modernidade não sabem, muitas vezes, qual o caminho a percorrer. Falta-lhes a grande direção, a bússola, o grande alvo a atingir. Sem uma forte ligação com um sentido, com valores e normas que, evidentemente, não devem servir de algemas ou grilhões e, sim, de ajuda e proteção. Por isso, muitas vezes, eles não conseguem proceder de modo humano, tanto nas coisas pequenas quanto nas grandes.<sup>183</sup>

Nas mais diversas camadas sociais e também em todas as faixas etárias, estão grassando crises de orientação por causa da dose excessiva de informações. Ao mesmo tempo, há um descontrole do vício das drogas e da criminalidade, além dos escândalos na política, na economia, no sindicato e na sociedade. Cada vez mais homens e mulheres, sobretudo jovens, se encontram diante de um vazio de sentido, de valores e de normas.<sup>184</sup>

Não existem mais verdades absolutas, porque a verdade tornou-se “interpretação” e não se pode falar de verdade incontrovertível. O significado das realidades, isto é, a sua verdade depende do seu uso. A realidade manifesta-se, oferece-se à interpretação do sujeito. Vive-se no relativismo de valores. Há um enfraquecimento da consciência diante do fortalecimento das paixões (desejo e

---

<sup>182</sup> Cf. LEPARGNEUR, H. Ciência e descrença hoje. *Revista Eclesiástica do Brasil*. Petrópolis, fasc. 253, p. 57, Jan./2004; MOSER, A.; LEERS, B. *Teologia Moral: Impasses e Alternativas*. Coleção Teologia e Libertação. 3. e., Petrópolis: Vozes, p. 27-28; MOLTSMANN, J. Direitos humanos, direitos da humanidade e direitos da natureza. *Revista Concilium*. Petrópolis, n. 228, p. 150, 1990/2.

<sup>183</sup> Cf. KÜNG, H. Em busca de um “ethos” mundial das religiões universais: questões fundantes da hodierna ética num horizonte global, *Revista Concilium*, Petrópolis, n. 228, p. 118-119, 1990/2.

<sup>184</sup> *Ibid.*, p. 115.

prazer) e do privilégio destas de intencionar o verdadeiro.<sup>185</sup>

Chama-nos a atenção, neste momento histórico, o grande pluralismo de valores, numa proliferação do relativismo, sob a égide do “não existe nada de absoluto”, do “vale tudo”. Com isso, mergulhamos no campo do efêmero, do instável, do banal, do “viver cada instante”, do “viver o aqui e agora” à margem de toda moral. O pós-moderno dispensa a norma. Num mimetismo do que está na “crista da onda”, embalados, sobretudo pelos meios de comunicação social, introjetamos como “valores” o dinheiro, a juventude, o sexo, o culto ao corpo, o hedonismo e o narcisismo. Nas grandes metrópoles, o comportamento humano está fragmentado pela confusão de papéis, pelo cotidiano complexo, pelos valores e contravalores que todo dia surgem diante de nossos olhos.<sup>186</sup>

### 2.5.7.

#### Conclusão

Podemos concluir que o mundo atual forma um grande quadro destemperado de contrastes gritantes. A liberdade é o valor central da vida das pessoas e base da sua moral, mas estão presentes tanto as violações dos direitos humanos como a exploração dos mais fracos, a manipulação da opinião pública, a percepção do outro como simples objeto, além de todas as formas de egoísmo. O consumismo leva a uma saturação em que as maiores extravagâncias e desperdícios são possíveis e, mesmo assim, deixam um sentimento de tédio. No campo sexual os extremos se tocam, do tabu à libertinagem. O sexo se tornou passatempo, sem assumir a responsabilidade de uma relação mais profunda e duradoura. Há uma busca da auto-realização sexual, sendo a sexualidade libertada do controle social. Há também uma “sacralização” da liberdade da consciência humana, com a autonomia individual e a perda do sentido do ético. Com isso, na sociedade pós-

---

<sup>185</sup> Cf. JUNGES, J. R. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 21.

<sup>186</sup> Cf. GASTALDI, I. *Educar e evangelizar na pós-modernidade*. São Paulo: Salesiana, Dom Bosco, p. 31; HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 12. e., São Paulo: Loyola, p. 73; TRASFERETTI, J. *Teologia moral na Pós-Modernidade: o difícil dilema do agir moral*. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.) *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 410.

moderna, criam-se novos valores segundo as regras do consumo, do individualismo e do hedonismo.

Pertencemos todos ao mesmo mundo, mas é um mundo quebrado, fragmentado. Atualmente, uma parte do mundo se curva sobre a defesa e a busca de sua identidade nacional, coletiva ou pessoal, enquanto uma outra parte, ao contrário, só acredita na mudança permanente, enxergando o mundo como um hipermercado onde novos produtos aparecem sem cessar. No meio desses fragmentos de vida social, carregados de valores opostos, se agitam as massas, atreladas à racionalidade técnica e levadas a não se preocupar com os fins de suas ações. O resultado de tudo isso é um utilitarismo e pragmatismo de fundo, que reveste inclusive a religião.

Além disso, a razão instrumental hoje se encontra, muitas vezes, a serviço do egoísmo possessivo. No centro da sociedade pós-moderna, temos um vazio de valores que garante a autonomia da racionalidade técnica. Por isso, a afirmação da dimensão utópica da ética teológica faz-se ainda mais necessária, diante do fim das utopias e das ilusões da Modernidade pressuposto pela Pós-Modernidade.

## 2.6.

### Conclusão do Capítulo II

Na primeira parte da Tese procuramos mostrar os desafios da realidade de hoje, analisando o contexto do mundo moderno e pós-moderno. Estes elementos são fundamentais, tendo em vista que eles provocaram uma virada na concepção dos valores a serem vividos a partir de então. Dentro deste processo, não podemos deixar de levar em conta o problema da secularização.

No mundo moderno, há sempre a busca do progresso e do crescimento econômico, por meio da produção em massa. Tudo gira em torno da jurisdição do econômico. Os significados religiosos deixam de ser considerados como fundamentais à vida cotidiana, desembocando numa crise dos modelos éticos convencionais.

No âmbito do individual suscitou-se, ou ao menos, avivou-se, a revalorização do pequeno, a tolerância para com o diferente, a desabsolutização do estabelecido, o novo apreço do corpo, a revitalização da experiência. Contudo, o individualismo do sujeito autônomo desembocou num individualismo do eu narcísico. Porém, a grande arte do mundo de hoje é criar relações que não nasçam da autarquia do eu, mas da responsabilidade pelo outro.

Na atualidade, existe uma forte emergência da subjetividade. Hoje, as questões do corpo e da psique ocupam um lugar central na preocupação das pessoas. O feminismo promove a libertação da mulher da tutela masculina e a emergência social da identidade feminina, fenômeno que aponta para uma redefinição da própria identidade masculina com relação aos seus papéis.

A atual visibilidade midiática da religião, a irrupção de novos movimentos religiosos, o sucesso da literatura esotérica, etc., são interpretados como um fortalecimento do sagrado no espaço público, no contexto de uma Modernidade que se mostra incapaz de resolver os problemas mais profundos do ser humano e não consegue superar as suas próprias contradições e ambigüidades internas. Contudo, a nova religiosidade tende a ser ingênua e narcisista, sem uma vivência do amor, da doação, da abertura para o outro.

Vivemos de um lado, num mundo da produção, da instrumentalidade, da eficácia e do mercado; do outro, o da crítica social e da defesa de valores ou de instituições que resistem à intervenção da sociedade. Hoje, a questão que parece mais urgente não é a gestão do crescimento, mas a da luta contra o despotismo e a violência, da manutenção da tolerância e do reconhecimento do outro.

Tendo esboçado toda a problemática do mundo moderno e pós-moderno, aqui apresentado de uma maneira sucinta, partiremos para uma reflexão sobre a consciência moral, tratando especificamente do nosso tema. A segunda parte procurará discorrer sobre este pilar da Moral Fundamental, à luz do grande teólogo moralista Bernhard Häring.